# CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

Publica-se ás quartas e sabbados

REDACTOR — FERNANDO DE VILHENA

COLLABORADORES D'ESTE NUMERO:—D. Henriqueta Eliza, D. Maria da Conceição da Costa e Lemos, A. B. Sotto-mayor, A. C. Henriques d'Aguiar, Albano de Mello, Alberto Carlos, Alexandre da Conceição, A. F. d'Araujo e Silva, A. M. Freire, Antonio Marques dos Santos, Barboza de Magalhães, Cezar de Sá, Egberto de Mesquita, Fernando de Vilhena, Francisco Joaquim Bingre, F. Regalla, Francisco de Magalhães, Guilherme M. Sant'Anna, J. E. d'Almeida Vilhena, José Ferreira da Cunha e Souza, J. Baptista Leitão, Joaquim da Costa Cascaes, Joaquim de Mello Freitas, J. Paes dos Santos Graça, J. R. Rangel de Quadros, L. d'Almeida Medeiros, M. Rodrigues, Magalhães Lima, Marques Gomes, S. Franco, V. d'Almeida d'Eça

ANNO XXX — QUINTA-FEIRA 10 DE JUNHO DE 1880 — NUMERO 2:892



BIBLIOTECA PUBLICA MUNICIPAL AVEIRO


## AVEIRO E O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

# LUIZ DE CAMÕES

### PORTUGAL E CAMÕES

Depois da procelloza tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento:
Aparta o sol a negra escuridade,
. . . . . .

*Luziadas*—CANTO IV. EST. I.

A procella desencadeara-se sobre Portugal. Fechado o cyclo das conquistas, extincto o rumor dos combates, efeminados os costumes por os habitos do luxo, arrefecido o amor da patria pela tentação de uma côrte cubiçoza, que espreitava o instante em que devia arremeçar-se sobre a preza quazi inerme, a autonomia portugueza, affirmada nos campos de batalha, tinha empallidecido com o desastre de Alcacer-Kibir, atufando-se no ocaso ao empunhar as redeas da governação o rei-fantasma, que por surpreza o escarneo do destino succedera ao moço desejado.

Arriara-se a bandeira nacional nas muralhas das fortalezas. As velleidades da resistencia, extinctas ao ferir-se a escaramuça d'Alcantara, tornaram o desastre maior que a coragem dos partidarios do prior do Crato. Sacerdote e cavalleiro, D. Antonio quiz reveindicar o que suppunha patrimonio, esquecendo-se que um povo não pode estar á mercê das ambições de aventureiros illustres, e que a sua causa fora condemnada, porque não consubstanciava em si os principios de vitalidade, que só podem provir do amor da patria. Se a victoria coroasse o esforço de D. Antonio, o seu reinado não seria nem mais util nem mais glorioso que o do cardeal D. Henrique. A nossa independencia manter-se-ia n'um estado periclitante, seria como o derradeiro bruxelear da lampada, mas não despertaria os brios abalidos pelo desalento, ou corrompidos pelo interesse mercenario.

1580 marcou a era do captiveiro; e ao rasparem os invazores os nossos brazões d'armas, apagava-se n'um hospital, envolvido nas fachas da miseria, o maior espirito do seu tempo, como que se não podessem respirar a mesma atmosphera o cantor dos *Lusiadas*, affirmação robusta de um prodigioso engenho, e a uzurpação, que comprimia as pulsações da patria, esmagando tudo o que havia ahi de nobre e levantado, como se o reino fosse um feudo de Castella.

Ha 300 annos succumbia a nacionalidade portugueza á pressão, primeiro da insidia, que abrio brecha nos animos menos firmes, ou mais faceis de obtemperar a sugestões interesseiras; depois da corrupção, que aliciou as consciencias egoistas ao soldo da intemperança triunfante. Se no geral da população estava radicado o amor da independencia, a classe grada e qualificada tinha se bandeado, ou por temor das iras do poderoso e fanatico Filippe II, ou por subserviencia, ou ainda por preferir os commodos e os regalos do presente, em compensação do sacrificio que fazia ao atraiçoar a causa da patria.

Luiz de Camões, que fizera das luzas façanhas um poema, legando á posteridade o seu nome vinculado ao melhor padrão das nossas glorias, descera á sepultura esquecido dos contemporaneos, que não lhe ouviram os queixumes. O futuro tinha porêm de vingar tamanho ultraje. O seu livro foi impresso em todas as linguas conhecidas. Uma subscripção nacional ergueu-lhe uma estatua na praça publica. O mundo pagava finalmente um tributo á memoria do grande epico, que fora maior que a nação que lhe servira de berço.

Como se tantos testemunhos de respeito não fossem bastantes para apagar a affronta de quazi tres seculos, resolveu-se commemorar com estrondo o tricentenario da morte do poeta, e depozitar na egreja dos Jeronymos, em Belem, a urna cineraria que contém os restos mortaes de Luiz de Camões. A par d'ella descansará a ossada de Vasco da Gama, um dos heroes da epopeia. A mesma abobada cobrirá essas duas grandes glorias de Portugal, uma illustre pelas acções brilhantes que praticou em prol da patria, outra distinctissima pelo engenho, por que *espalhou, cantando, por toda a parte*, os feitos epicos d'aquelles que descobriram e conquistaram para a nação os vastos territorios de dois hemisphérios.

A festa de hoje resgata pois o esquecimento de tres seculos. A geração actual redime com a expontaneidade das suas ovações a falta ingente das que a precederam, e faz sentir na homenagem que presta aos serviços relevantes do poeta, que sabe ser justa com os que, a despeito das ingratidões dos contemporaneos, exaltaram as acções sublimes, que pozeram em relevo a iniciativa de Portugal nos descobrimentos da terra.

Fica hoje paga a grande divida nacional. Se até aqui nos estava impendente a apostrophe esmagadora

«Onde jaz, portuguezes, o monumento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?»

d'ora avante poderemos apontar para a crypta de Belem, para esse panteão reservado ás reliquias dos heroes; e se foi tardia a resolução, diz bem alto o jubilo com que o paiz festeja tamanho successo, que a nação portugueza paga religiozamente as suas dividas de honra, e que antes de Camões nenhum volto legendario da nossa epopeia nacional mereceu os testimunhos de consideração com que o seu nome é hoje saudado por um povo inteiro. E' que a aureola do poeta occulta o perfil dos conquistadores ou dos restauradores, que, se exerceram o poder, não souberam illustral-o, assignalando-o por actos, cuja benemerencia lhes grangeasse os applausos da posteridade. A sua gloria foi ephemera como no espaço a passagem de um meteoro. A sombra eterna fez-se em volta dos seus nomes, e se a historia os inscreveu nas suas paginas, foi porque a chronica verdadeira não podia prescindir de os registar, como individualidades obrigadas de um ciclo determinado.

Depois da procellosa tempestade os alvores de um dia claro e ameno, como a abundancia que vem apoz a fome excruciante, como o rizo de viva satisfação que succede ás lagrimas sentidas, com que a alma pranteia as suas dôres mais intimas. Depois de tres seculos de profundo lethargo o despertar de um poeta generoso e reconhecido. Até aqui o esquecimento que se gera na indifferença ou no egoismo. Agora a explosão que se origina no enthusiasmo largo tempo reprimido. Hontem *nocturna sombra*, *a negra escuridade* que envolvia não a gloria do poeta, que essa era superior ao proposito dos homens, mas as intenções de um povo, que elle tinha exaltado no seu magnifico poema. Hoje o sol que alumia as manifestações ruidozas do paiz, os clarões deslumbrantes que irradia a gratidão nacional, a justiça eterna que se levanta no meio dos applausos das multidões commovidas!

O genio acaba pois de obter um esplendido triunfo. Honra a patria a commemoração do tricentenario de Camões. A corôa civica deposta na sua urna cineraria é mais que um simbolo, porque é a expressão do reconhecimento de um paiz, cuja celebridade se deve menos aos feitos gloriosos d'outras eras, que ao poema épico do cantor immortal, cujo nome é o assombro da Europa e do mundo.

J. E. D'ALMEIDA VILHENA.

### CAMÕES

Então surgiu na historia um espirito gigante,
Um genio poderoso, uma alma de diamante
Que, n'um golpe de vista esplendido e profundo,
Fundiu n'uma obra d'arte a conquista do mundo,
A conquista da luz, do Ceu, da mansuetude,
A conquista do espaço azul, da liberdade,
A conquista final do mar mysterioso,
D'esse infinito mar sombrio e tenebroso,
Que tinha preso a terra o homem como um verme,
Aterrado, indeciso, no estupido inerme
D'um cerebro sem luz, sem vida, sem calor,
Escutando assomi rado o rouquejo clamor
Das vagas assaltando o flanco á penedia!
Esse homem comprehendeu essa estranha harmonia,
Indistincta, feroz, vaga, confusa, eterna,
E fez com esses sons a Iliada moderna,
O drama universal da civilisação,
Banhada no esplendor d'uma resurreição,
A tragedia do mar, essa força indomada,
Principio e fim de tudo a cousa organisada,
A epopeia immortal do clamoroso Atlantico,
Que nos levanta a nós, nos estas d'esse cantico,
De povo aventureiro, audaz, navegador,
Ao grande pedestal d'um povo iniciador,
D'um povo que fundou a vasta hegemonia
Da Europa no Oriente — ao norte e ao meio dia,
D'um povo que tornou em lei definitiva
A victoria geral da idade positiva.
Esse homem representa o espirito europeu
No que elle de mais forte e grande concebeu
N'essa explosão de luz, que chamam Renascença,
O largo ideal do bello, a inspiração immensa,
A energia viril do corpo e da vontade,
O entusiasmo do bem e amor da liberdade,
A funda comprehensão da alma portugueza,
De que é como a expressão, a synthese a grandeza,
A revolta constante, a clara dissidencia
Do espirito cristão pelo amor da sciencia,
A robustez moral, o valor, o civismo,
O sentimento humano, o cosmopolitismo,
Que faz de nós na historia um povo excepcional,
E que tornou Camões o poeta universal.
O poeta d'esta data [illegible] viva, eterna,
Lucta de todo o tempo — antiga, actual, moderna,
Do espirito da luz, do bem, da inspiração,
Do talento, do amor, da fé, da razão
Contra a forcatartidade que faz bater a arteria
Da velha sociedade e [illegible] a materia.
Camões fez d'essa [illegible] o poema mais humano
Do espirito [illegible] o [illegible] do Oceano,
A Odysseia da [illegible] [illegible] do mar...

A pé, geração nova [illegible] o saudar!

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

### A INDOLE DO CANTOR E DO POEMA

De que vem a todas as nações d'agora esse movimento espontaneo d'enthusiasmo, d'admiração e reconhecimento, não pelos chefes do poder, não pelos heroes da espada, mas pelos grandes homens da sciencia e da litteratura?

E' que a idéia já prevalece á força.

E' que a intelligencia vae tomando a direcção do mundo.

Esses ruidosos festejos á memoria dos poetas, dos sabios, dos philosophos, dos artistas, são os prenuncios da verdadeira civilisação que começa.

Os pensadores vão expulsando e substituindo os guerreiros.

E tambem Portugal se exalta e alvoroça invocando o nome do seu maior volto litterario, de seu grande épico, o cantor das suas glorias nacionaes.

Camões inspirou-se do amor da patria, do genio audaz e arrojo sublime dos navegantes portuguezes nas suas luctas com os elementos.

E' o dezejo d'expansão no seio da vida exterior que solicita a alma dos seus heroes; são as tendencias e aspirações da renascença que influem os seus cantos.

E' o sentimento da natureza que n'elles reage contra o ascetismo da idade média.

E' Camões o primeiro dos poetas modernos para quem a natureza é mais que uma paisagem: a sua indole delicada e profundamente sensivel a associa ás suas impressões, e ella toma já um caracter proprio no seu poema, e sobretudo nas suas composições lyricas, onde Camões é sem exaggêro um precursor de Lamartine.

O grande épico é realmente um poeta do seu seculo.

Os *Lusiadas* não são um poema como o de Dante, theologico, cuja scena está fóra da vida real, onde as figuras são espiritos: não é como o de Milton, uma lenda religiosa das origens da humanidade; como o de Ariosto, uma phantasia graciosa, que reflecte os risos, as festas da vida elegante e sensual de Italia: como o de Tasso, romanesco, convencional, e fóra já do espirito do seu tempo, onde a fé provoca as luctas guerreiras, a conquista de um sepulchro: não é como a Iliada, onde a Grecia toda sáe dos seus lares, para ir em uma praia longinqua destruir uma cidade: não é como a Eneida, uma ficção historica, onde um heroe procura ao acaso um asylo onde o acceitem ou consintam.

Camões é o poeta de uma epoca: porque Portugal no seculo XVI enceta a vida das nações modernas.

Os *Lusiadas* não são em rigor a epopeia de uma raça, não nasceram da imaginação popular: são a creação de um genio individual que reflecte o sentir d'um povo em uma época principal da sua historia.

Não são um poema classico: o classicismo em Camões é apenas um adorno da sua imaginação profunda e original.

N'uma epopeia sem batalhas é elle o cantor d'essa epoca de descobertas e viagens, da edade heroica do commercio, em que a Europa se lança em horisontes desconhecidos em busca d'outros povos, de um mundo novo.

LOURENÇO D'ALMEIDA MENDROS.

### NA GRUTA DE CAMÕES

(MACAU, 21 DE JULHO DE 1879.)

No derradeiro adeus á patria amada,
N'esse instante afflictivo da partida,
Quando sentimos a nossa alma f'rida
Por tanta sensação desencontrada;

Quando a vista se alonga desvairada
Em procura da terra já sumida,
E dos ventos a náu segue batida,
Pertinaz na derrota começada;

Deixas que os labios teus n'um tal momento,
Canto da portugueza heroicidade,
Contradigam teu nobre pensamento;

E vens depois aqui, na amenidade
D'esta gruta, em constante isolamento,
Suspirar-te da patria na saudade!

F. REGALLA.

### O TRICENTENARIO DE CAMÕES

Celebram-se n'este momento as festas do tricentenario de Camões. O paiz rejubila, no auge de um patriotismo glorioso e de uma tradição immorredoura.

Tudo é paz, tudo é amor, tudo é trabalho. Vinculam-se as affeições; e n'um mesmo pensamento, n'um mesmo desejo, n'uma mesma vontade reunem-se todos os homens, verdadeiramente portuguezes e liberaes, esquecendo velhos odios e antigas malquerenças.

Confraternisamos sinceramente no vasto banquete do patriotismo e da civilisação sempre crescente. O povo sente-se feliz e contente, porque applaude do coração o seu cantor predilecto, o seu cantor immortal—Luiz de Camões.

Em redor d'esta ideia sublime, que é a ideia da civilisação e da solidariedade humana, o paiz concentra-se no espirito das suas tradições, no sentimento da sua autonomia, e na crença, que não morre, do seu futuro preciosissimo.

E' grande, é elevado, é nobilissimo semelhante proceder.

Foram-se os deuses, esmagou-se o preconceito, varreu-se o sophisma. A metaphisica, toda individual e abstracta, cedeu o seu logar ás grandes conquistas da civilisação, á grande alma do trabalho.

Hoje, desenganem-se os casuistas, ha apenas um poder temporal:—é a industria, representada nas *exposições gloriosas da civilisação*: e um unico poder espiritual:—são os *congressos scientificos*, manifestação da sciencia e da verdade humana, e uma unica fraternidade; que são os *centenarios* dos poetas e dos escriptores immortaes de todos os paizes, de todos os tempos, de todos os seculos.

Que importa que os homens recuem? Nada temos com isso. A democracia é a forma positiva, unica e essencial das modernas sociedades.

Caminha-se, porque o progresso nos impulsiona na estrada do dever. Progride-se, porque, ou os padres o desejem ou não desejem, a sciencia vale mais que os thronos, e a verdade é muito mais altiva, muito mais eloquente e muito mais solemne do que todos os erros do passado e todas as mentiras das caducas theocracias da antiguidade.

A celebração do tricentenario de Camões é um jubileu nacional. Todos—conservadores e democratas—confraternisam no mesmo pensamento. Lisboa, a capital do paiz, é o centro d'este immenso convivio de fraternidade pacifica e social.

Podem os descrentes inventar o que muito bem lhes aprouver. Só d'aqui a um ou dois annos poderão a certo saber os sceptícos os resultados que d'esta festa ha-de resultar ao paiz.

Abram-se as portas de par em par. Estamos aqui para receber todos os cidadãos da Europa, ou nacionaes ou estrangeiros.

Que um brado unico se levante, em honra d'este dia gloriosissimo—a patria, as suas tradicções e a sua independencia.

Vamos, meus senhores, é tempo de redimir uma culpa passada.

Saudemos o poeta, e com elle a paz dos portuguezes e a gloria do amanhã.

Luiz de Camões redivive hoje, e ainda bem que redivive.

Fronte descoberta e joelho em terra, portuguezes e trabalhadores!

E' Luiz de Camões que vive. E' a patria que resuscita.

MAGALHÃES LIMA.

## CAMÕES!

10 DE JUNHO DE 1880

Saccudindo o lethargo em que jazia,
Vae a luza nação tão bello dia
Gostosa festejar.
Ergueudo a nobre fronte, diz ao mundo:
Desperta em fim do somno mais profundo,
Meus brios vou mostrar!

Este brado espontaneo, firme, ingente,
Faz palpitar de jubilo fervente
Os nossos corações.
Ao fraternal convivio pressurosos
Iremos todos nós, filhos ditosos
Da patria de Camões.

Camões! vulto sublime, que na historia
Vemos cercado de honras e de gloria,
Mer'cido galardão;
Mas que na vida foi tão desgraçado,
Que apenas teve um servo dedicado
A mendigar-lhe o pão.

Trovador e soldado, a patria qu'ida
Deu o saber, o nome, a gloria, a vida,
Sem recompensa ter;
Mutilado, e banido, inda exaltava
Este paiz formoso, que adorava,
E que anhelava ver.

Teve por derradeiro inda a ventura
De respirar a briza amena e pura
Do seu paiz natal.
Viu ainda uma vez do Tejo as vagas,
Morreu por lim Camões junto das plagas,
Do nosso Portugal.

Porém seu nome vive em nosso peito;
Do Portugal os filhos rendem preito
Ao nobre trovador;
E pressurosos vão hoje à porfia
Solemnisar concordes este dia
De brilho e de fulgor.

E nas doiradas paginas da historia
Ficará este dia ébrio de gloria,
Qual fulgido brazão;
E nós, cheios de orgulho, bradaremos:
Portuguezes, de jubilo exultemos;
Camões é nosso irmão!

MARIA DA CONCEIÇÃO DA COSTA E LEMOS.

## CAMÕES E PATRIA

Deus manda de tempos a tempos ao mundo homens extraordinarios, seres gigantescos, heroes sublimes do pensamento, fachos de luz da ideia, para diminuir a hediondez d'este logar, levar claridade ás suas trevas, e dar depuração ao seu mephitico ambiente.

Apresenta-nos á vista esses vultos magestosos para nos mostrar quanto mizeravel é o nosso viver, de quanta elevação é capaz a nossa baixeza; para nos levantar da prostração em que estamos no meio das nossas paixões; para nos exprobrar os nossos desatinos e desvarios, e para nos chamar ao caminho da honra e da virtude, que elles nos prégam com sua palavra, e nos apontam com seus exemplos.

Contra elles conspiram-se todos os furores; precipitam-se sobre elles as lavas ardentes da maldade dos homens; e a ignorancia, para os assassinar com os seus dilaceradores punhaes. Prostram-os, desalentam-os, cavalhes tirando de vagar a vida com regozijo satanico, até que acabam por tripudiar sobre o seu cadaver! O tempo por que interromperam as suas dissoluções foi o que gastaram n'esta horrenda obra. Julgam extincto aquelle privilegio do ser, que os estorvava na sua licenciosa vida. Mas enganam-se, porque se elle desappareceu, não desappareceu a sua grandeza. O seu martyrio foi alimento fecundo da sua ideia, que ha de prevalecer sobre os algozes e seus vindouros, como aquelles prevaleceram sobre o cadaver do heroe. Eis o que se póde dizer de Camões.

Foi descendente de nobres, para que o seu nascimento não apoucasse a sua grandeza. Amou a sua querida com viva paixão e sublime frenezi, para que fosse o amor santo e puro o principio da sua vida e de seus martyrios. No caminho d'esse amor a inveja e o ciume porfiaram em apertar-lhe o coração, para que a contrariedade fizesse expandir aquelle grande espirito. Foi á Africa combater pela patria, porque a patria era pequena para o conter. No meio de encarniçado combate perdeu ao pé de Ceuta metade da sua vista, como para preludiar a perda da gloria da patria em Alcacer-Quibir. Foi depois pelejar para a India, porque ainda era estreito o espaço para as suas justas e vastas aspirações, que a patria não sabia comprehender. Na India luctou em differentes paragens com os inimigos, com o mar, e com o clima; viu morrer os seus companheiros, mas não morreu elle, porque era creatura extraordinaria. La a maldade não podia tirar aquella luz da verdade, e por isso o exilou. No exilio teve por companheiros a mizeria e a solidão:—aquella para retemperar seu grande genio,—esta para lhe fazer esquecer as perseguições e injurias dos homens, e elevar em sua alma o amor da patria com toda a sua abnegação e sublimidade,—ambas por isso necessarias para a realisação da sua maior ideia—o seu immortal poema. Foi depois arrebatado pela tempestade, e através d'ella salvou a si e o seu poema, porque um e outro eram maiores do que o mar em que se submergia o lenho, que os conduzia. Foi depois accusado e prezo, porque era necessario que o sangue do grande martyr regasse suas façanhas e obras, porque ellas tinham de empallidecer a purpura dos grandes da terra, e atravessar os seculos por entre o recolhimento e a veneração dos vindouros. Voltou á patria, porque quem tanto a amava não podia morrer distante d'ella. Trouxe-lhe um presente de valor indizivel: offerton-lhe o immortal cantico das suas glorias; entregou-lhe o fulgor d'aquelle grande genio, o mysterioso pulsar d'aquelle immenso coração de filho; depositou nas mãos da patria o seu livro inspirado, que vale uma patria. A fome, o desamparo, a irrizão, foi o que recebeu em reconhecimento d'esse presente infinito, d'essa dadiva imperecedoura!

«Percorreu longiquas paragens, diz um historiador, em meio de infortunios sempre novos, com a penna n'uma das mãos e a espada na outra, luctando com a pobreza, repellido das mezas hospitaleiras, trahido em suas esperanças, mal recompensado mesmo por aquelles a quem exaltava.»

O amor a Catharina, como então o do Tasso a Leonor, foi o seu horto; os mares, a Africa, e a India, foram o seu longo caminho d'amargura; a patria foi o seu calvario! Não teve uma hosanna em toda a sua vida; mas era tão dedicado e tão generoso aquelle coração, tão privilegiado aquelle genio, tão elevado e tão forte aquelle espirito, tão pura e tão divina aquella alma, tão valiosa a offerta que fazia aos luzos, que Deus quiz vingal-o da ingratidão da patria fazendo morrer a patria com elle! Maldição dos Céus, que com mais ou menos intensão se tem continuado ha tresentos annos, e que ouxalá suspenda esta mesquinha e tardia homenagem, que a ingrata patria presta hoje á memoria de Camões!

E é propria esta homenagem? E' com ruidosos festejos, com risos d'alegria, com vestes de gala, com hymnos de gloria, que ella deve ser prestada? ou antes deve ser prestada por entre profundo recolhimento, lagrimas de saudade e de pezar, com o rosto coberto pelo preto veo do arrependimento e contrição, e ao som de tristes e supplices canticos? Oh! se a patria podesse ser hoje representada por uma imagem, deveria ser esta a imagem do penitente exorando a Camões o perdão para a sua immensa culpa de ingratidão e de inveja, e contando-lhe com viva dôr os seus abatimentos e humilhações, a fome e os despresos em que a teem envolvido seus filhos, como que em castigo das affrontas e dos ultrages, que soffreu aquella valorosa espada portugueza, e aquella prodigioza penna da renascença. Não devemos exultar por havermos possuido Camões, cuja memoria nos acalenta agora a fria aridez; devemos antes lamentar a sua perda, e a perda dos tempos que elle cantou, chorar a nossa fraqueza e a nossa mizeria, e recordar hoje a fome e os desporesos por que elle passou, empregando os dinheiros, que se querem gastar com galas de festa, em vestir os nús, e dar de comer aos muitos que teem fome.

A sua vida representa a patria.

A patria havia conquistado regiões longiquas, e conservava, e defendia essas regiões; elle foi á conquista e á defensa d'ellas. A patria decahia, e elle agonizava no meio da miseria e do abandono. Elle expirava na enxerga do hospital, e a patria havia morrido na Africa. Morreu nos braços da mãe angustiada, que representava as angustias da outra mãe—a patria. Sobrevivenlhe sua mãe pobre; porque lhe sobrevivia a sua luza terra envilecida. Elle ficava sepultado no olvido, a patria era entregue á dominação de Castella. Foi pois a personificação do preterito, do presente e do futuro da patria!

E quanto mais Portugal se distancia da sua antiga grandesa, quanto mais se enerva e se envolve em humilhações, maior e mais magestoso nos apparece o grandioso vulto d'esse poema, que, pela mesma razão que nos mostra uma nação heroica e temida, nos aponta agora uma nação humilhada, vivendo apenas pela cobiça e protectorado dos estranhos. Esse inspirado poema, ao mesmo tempo que é a potente voz do poeta a cantar as grandezas dos luzos, é tambem sublime reprehensão, fulminante anathema aos vindouros, que abaterum a patria até soberano desdoiro, e para ahi a retem em profundo marasmo, permittindo-lhe de vida apenas palavras vãs, luctas estereis, satisfação de paixões pessoaes, e realização de individuaes interesses. Póde elle chamar-se a formidavel palavra dos nossos maiores a amaldiçoar-nos por nossas iniquas obras; o grande e fiel espelho a mostrar-nos toda a deformidade do nosso corpo coberto de pustulas das nossas abjecções! E no meio d'ellas que nos elevamos hoje os olhos para aquelle portentoso ser: teremos ao menos o merito de confessarmos, por uma vez a nossa fraqueza? Se o tivermos, teremos mais o de pedir a quem tudo póde que nos conceda os sentimentos fortes e sublimes d'aquelle justo, e se amercei de da nossa patria dando dias melhores a este sympathico e abatido bocado da Europa!

Aveiro.

ANTONIO MARQUES DOS SANTOS.

## OS LUSIADAS

Ha um livro, que é sempre grande e novo,
Altiloque poema sem rival:
Que é um nobre padrão d'um nobre povo;
Que fará seu auctor sempre immortal;
Que ao mundo todo ha-de fallar da gloria,
Dos feitos dignos de viver na historia!

O livro, esse poema, é todo um templo,
Em que o amor á patria deu exemplo,
Pela qual pelejou com santo ardor!
—A patria dedicou seu braço forte;
A lyra lhe sagrou até á morte!!—

Tem dez columnas esse templo augusto,
Que o tempo inda até hoje respeitou;
Mais duras do que o marmore robusto,
E que profana mão jámais tocou!
— Ninguem de as profanar tem ouzadia,
Se não do mundo a indignação teria!—

Tem o famoso templo oito janellas,
Por onde passa a luz sem manchas ter;
Todas são elegantes, grandes, bellas,
Mas com diversa forma as podeis ver!
— Ornadas são de immarcesciveis flores,
Dos emblemas da guerra ou dos amores!—

E, apezar de estar sempre bem guardada
Sua porta por—*Armos e Barões Assignalados*—, alli ter entrada
Póde a gente de todas as nações!
— O templo é grande para todo o mundo,
O architecto foi sabio profundo!—

Mil e cento e dois lustres são pendentes
Do tecto immenso, todo de crystal,
Presos por formosissimas correntes
Douradas e de um rigido metal:
Dispostas por tal arte podeis vel-as,
Que os lustres formam vividas estrellas.

Tem cada lustre oito formosos lumes,
Com que o famoso templo brilhará:
Alli se elevam sempre mil perfumes
D'uma pyra, que ardendo sempre está:
— Uma orchestra sonora e permanente
Cantos entôa forte ou brandamente!—

São do templo as columnas os dez cantos,
Em que o vate exaltou seu Portugal,
Já promovendo os mais sentidos prantos,
Já celebrando o brio nacional!
— Camões é seu auctor, vate e guerreiro;
Respeito inda lhe sagra o mundo inteiro!!—

Suas janellas são os episodios,
Com que adornou o templo o seu auctor;
Não poderão invejas, nem os odios
Offuscar-lhes seu magico fulgor!
Qualquer d'elles no assumpto e na harmonia,
Um formoso poema valeria!!—

Quem não derramará sentido pranto,
Ao ver a morte da formosa Ignez?
E quem não sentirá assombro e espanto
Vendo exaltado o brio portuguez,
Grande na paz e sempre heroe na guerra,
Novo mar descobrindo e nova terra?!...

Nós lá vemos a esqualida figura
Do terrivel gigante Adamastor,
«De famosa e grandissima estatura,»
Que ao mundo todo ha-de causar horror!
Ao mundo todo! Não aos lusitanos,
Que rasgaram o veu a seus arcanos!

Ao que nasceu na portugueza terra
Pulsa d'enthusiasmo o coração,
Ao ver vencidos doze d'Inglaterra
Por doze d'esta bellica nação!
E em Aljubarrota a lusitana
Bandeira derribar a castelhana.

Em sonhos vê do Indo essa grandeza,
E a altivez do Ganges sem egual,
D. Manuel, que logo nobre empreza
Projecta, por dar nome a Portugal!
— Que bellezas na Ilha dos Amores,
Onde ha ternuras, pomos, riso e flores!

Oh! que effeito tão nobre e commovente,
Quando a filha de Affonso, o bravo rei,
Vem pedir como esposa, ao pae valente,
Que ao esposo elle accuda e á sua grey!...
Cede Affonso aos pedidos de Maria,
E no Salado os mouros já vencia!

E, ainda que seja fabulosa
A supplica de Venus no alto Céu
A Jupiter, fallando lacrymoza,
Por livrar portuguezes do escarceu,
N'isso mesmo belleza encontraria
Quem amasse as bellezas da poesia!...

São os lustres do templo tão formosos
As estancias do livro sem rival;
As luzes são os versos maviosos
Em que o vate canton seu Portugal.
— Ha demais outros lustres escondidos,
Mas que gostam de ver os entendidos!—

O fogo alimentado n'essa pyra
E' um fogo que nunca se apagou:
E' o do amor da patria, que na lyra
O trovador em cantos demonstrou.
— A orchestra é a da lyra sonorosa,
Que no mundo será sempre famoza!!—

Das columnas do templo estão pendentes
Trophéus e nobilissimos brazões,
Com que se honram ainda os descendentes
D'esses heroes cantados por Camões,
E os brazões d'essas terras conquistadas
Nos cantos de Camões tão celebradas!

Vinte e quatro bandeiras excellentes,
Nas paredes do templo se verão,
Recordando esses feitos eminentes,
Que lustre a Portugal sempre darão!
—Lá brilham por seus feitos sobre-humanos,
Os nomes dos heroicos luzitanos!

Luzo vereis; Ullysses; D. Henrique;
Viriato, que outôra foi pastor;
E aquelle grande Affonso, que em Ourique
Foi acclamado—rei—por seu valor.
Tambem figura o vulto de Sertorio,
Romano de nação, sempre notorio!

Egas Moniz, heroe tão afamado,
Sempre fiel ao juramento seu;
Fuas Roupinho de animo esforçado,
Com que Porto de Moz se enobreceu.
Foi d'entre os portuguezes o guerreiro,
Que triunfo naval ganhou primeiro!

Theotonio vereis, guerreiro e santo;
E Mem Moniz, heroe d'alto valor;
Os Cruzados vereis, causando espanto;
E vereis um Geraldo—sem pavor—;
Martim Lopes, que a fama alto pregôa;
E Dom Matheus, o bispo de Lisboa!

Vereis Paio Correia, tão valente,
Que essas terras do Algarve conquistou;
Um Gonçalo Ribeiro, que eminente
Nome em França com outros alcançou;
Vereis um santo, que victorias ganha,
Nuno Alvares, terror de toda a Hespanha!

Gil Fernandes vereis, como castiga
Um alcaide ao seu reino desleal;
Ruy Pereira vereis, forte na briga;
Vereis o alcaide-mór do Alandroal:
E vereis desesete luzitanos
Desbaratar quarenta castelhanos!

Dois infantes tão sabios, quão valentes,
Filhos de D. João, Mestre d'Aviz,
Lá vereis, que serviços eminentes
Prestam, honrando sempre o seu paiz;
Dois condes por seus feitos sempre honrados.
— Eis a lista de heroes sempre afamados!—

N'esse templo tão vasto e excellente
Uma estatua se vê sobre um altar;
Assenta sobre um throno refulgente,
E ninguem inda a poude derrubar:
Ella figura a patria! Com respeito
O vate lhe sagrou intimo preito.

As estatuas de heroes de honrada fama
N'esse famoso templo se verão:
Do grande Affonso Henriques e do Gama,
Tambem a do primeiro D. João;
Como se vê de D. João segundo,
Quê modelo será dos reis do mundo.

Tambem lá se verá d'um «Nuno fero»
Uma estatua formoza e colossal;
«Heroe digno da cythara d'Homero»,
E que livre tornou seu Portugal,
«O quarto e quinto Affonsos e o terceiro!»

A estatua de Pacheco tão temido;
As de Enas, Magriço e Egas Moniz;
A do famoso Almeida esclarecido;
As estatuas do grande rei Diniz,
«D'Albuquerque terribil, Castro forte,»
«E outros em quem poder não teve a morte.»

— LUSIADAS é o nome d'esse templo!—
— Entrão, povos de todas as nações!
Alli todos «vereis um novo exemplo»,
Exemplo, dado ao mundo por Camões,
«Do amor dos patrios feitos valorosos,»
«Em versos divulgado numerosos!»—

RANGEL DE QUADROS.

## CAMÕES

Trezentos annos passados, paga emfim Portugal uma divida sagrada ao cantor de suas glorias. Ou seja que a evolução dos tempos venha marcar com esta commemoração um novo movimento na litteratura portugueza, pois que as duas ultimas explorações do continente africano vieram demonstrar, que não era ainda mudada a indole d'um povo essencialmente descobridor, ou seja que ás gerações modernas queiram lavar da historia de seus maiores uma nodoa d'ingratidão, é certo que o paiz como que acorda d'um somno lento e pesado e, atirando aos quátro ventos do espaço o unico nome portuguez verdadeiramente universal, abate o orgulho das nações modernas, recordando-lhes feitos valorosos, que jámais serão imitados.

De extremo a extremo «da occidental praia lusitana», orla «d'esses mares nunca d'antes navegados», um só nome se pronuncia—Camões; n'um só livro se falla—nos *Lusiadas*.

E' que ha nomes que encerram uma gloria, poemas que sobrevivendo ás ruinas das nações, firmam o seu titulo atravez os seculos, tornando-as de todas as epocas, de todos os tempos.

Cantou Homero os feitos d'Achilles, como Virgilio os d'Eneias. Poemas e nomes resistiram ao espaço e ao tempo e d'ahi até hoje as gerações prestaram religioso culto áquelles grandes genios que, procurando immortalisar a patria, se immortalisaram a si apenas. Mas a gloria do paiz que o viu nascer, aos nomes de Vasco da Gama, d'Affonso d'Albuquerque e de D. João de Castro prendem-se para sempre o do cantor dos seus feitos; e, por muito que se haja escripto, lá fóra as nações estrangeiras só conhecem, hoje a historia de Portugal pelo formoso poema do Homero portuguez.

Poeta e soldado, ninguem melhor que elle cantou as luctas medonhas das hostes lusitanas em inhospitos terrenos até então desconhecidos; ninguem melhor que elle disse ainda d'essas vastas solidões atravez as quaes as naus portuguezas fizeram tremular ao vento o victorioso pendão das quinas; ninguem como elle até hoje póde tornar temido e respeitado nos confins do oriente o pequeno trato de terra que, desprendido da corôa de Castella, soube, á custa de muita batalha ferida e de muito sangue derramado, firmar a sua autonomia, estendendo-se a tocar no mar.

Dos primeiros annos de Luiz de Camões são poucas as noticias. Olhado sempre como personagem romantico, chorando amores, cantando glorias, soffrendo mizerias, todos os biographos têm insistido em mostrar-nos o grande épico apenas como um vulto legendario.

Como a Petrarca, como a Bernardim, como ao Tasso, dão-lhe por movel da sua inspiração um amor infinito despertado á luz formozissima d'um olhar de mulher. Por esse amor o enviam ao desterro, por esse affecto o obrigam a cantar a patria, por essa paixão infinda o arrojam até á enxerga d'um hospital.

Alguma couza de menos legendario, todavia, foi o viver do poeta.

A' estancia infinda d'um amor sem esperança deixaram, é certo, voar o coração Bernardim e o Tasso, mas se ambos poseram os olhos n'um throno e loucos visionarios choraram eternamente affectos que não poderam colher, Camões teve apenas por incidente na sua vida os amores de Catharina d'Athayde como tributo da sua mocidade ardente e impetuosa, e que um viver, talvez menos regular, impediu de santificar.

Nascido de paes fidalgos, Luiz de Camões apparece-nos destacando-se d'essa pleiade de trovadores que, formando a côrte litteraria da infanta, animavam os serões do paço cantando as damas da princeza.

Foi ahi talvez que o moço poeta conheceu Catharina d'Athayde, e menos bem correspondido ao affecto que lhe dedicou, Camões no seu desespero bem ou mal fundado, se para ella em seus versos havia tido milhares d'elogios, teve tambem menos fidalgas censuras, que imponentemente se não arrojam a uma dama, sem que um braço de pae, de irmão, ou de amante se erga para castigar a insolencia.

D'ahi, a guerra aberta em que o poeta começou de viver com poderosos, que o arremessaram ao primeiro desterro, mas como em peito de mulher com as difficuldades crescem os amores, Catharina d'Athayde, perdoando ao amante, vacillava ainda em acceitar por esposo o nobre Ruy Borges, em cuja alliança o proprio paço influia. Era mister cavar um abysmo entre as duas crianças e, arremessando o cantor para inhospitas paragens, confiar ao destino o cuidado d'assegurar a paz domestica, riscando no calor da refrega com a cenitarra mahometana uma vida que se oppunha aos interesses d'uma caza poderosa.

Illustravam-se por aquella epocha em Africa os mancebos que de feitos heroicos careciam ainda para nobilitar o seu nome, nas velhas luctas com os mahometanos a cujaraça os portuguezes haviam jurado completo exterminio. Para ali enviaram então a Luiz de Camões em 1547, d'onde regressou apenas dois annos depois, vindo encontrar Catharina já cazada e menos feliz, talvez, do que o merecia a sua formosura, a julgar pela vida triste que então levava, entregue somente a Deus que para si a chamou em 28 de setembro de 1551.

Se a matarem saudades e arrependimento de trocar um primeiro amor ardente e impetuoso pelos interesses egoistas d'uma fortuna superior, foi-se o ascetismo d'um director espiritual, he abreviou a vida, difficil é de dizer, mas é certo que o poeta a chorou por longo tempo em sentidas endeixas que lhe redobraram a gloria.

Não cançaram, porém, os inimigos do poeta, e é por isso talvez, que um anno depois o vemos recolhido n'uma prizão d'onde sahiu para bordo do galeão *S. Bento*, que se fazia de vêla para terras da India.

Não mais feliz em Gôa do que na terra do seu berço, Luiz de Camões, ou devido ao seu comportamento ou á inveja que o seu superior talento suscitava, soffreu ainda alli os rigores de vinganças mesquinhas que lhe talharam um novo desterro. Durante alguns annos não nos fallam chronicas nem do poeta nem do guerreiro; mas como cada pedra que o cercava era um monumento, cada palmeira uma gloria, e cada vaga que se partia a seus pés tinha sido arada pela quilha das conquistadoras naús portuguezas, Camões voltou para a patria todo aquelle amor que abrigara no peito e a sua alma, verdadeiramente enthusiasta desprendeu-se nas estancias inimiteveis do seu poema epico.

Vivas ainda na memoria de todos os portuguezes d'então as descobertas de Vasco da Gama e os feitos valorosos d'Affonso d'Albuquerque, não parecem desde logo necessaria a gloria do Vaiz a lyra do seu maior poeta, tanto mais quanto pela época em que os *Lusiadas* viram a luz da publicidade, se concebia um pleno de desgraça, que de principio se afigurava a maior façanha até aquelle tempo alicada.

Se lhe mostraram que o futuro lhe prenderia eternamente o seu nome ás maiores glorias do seu paiz, e que, embora zoilos lhe deturpassem o merecimento a que não accenderiam jámais, não era para si ingrata a patria, quanto o fôra Roma para o destruidor de Carthago, cujas amargas palavras os biographos insistem em desprender-lhe dos labios.

Orgulhoso da sua gloria, mas cançado de lidar em inhospitas paragens que lhe foram exilio, e ferido ainda, talvez, pelo abandono d'aquelles cujo nome immortalisara, immortalisando o de seus maiores, Luiz de Camões vio abreviar-se-lhe a vida cercado de invejas e n'uma solidão desoladora.

Dizem que se os estragos do exilio e do tempo mataram no seu peito lembrança de terrenos affectos, lhe respeitaram, todavia, bem vivo o amor da patria, e que tamanho por ella fora esse acrisolado affecto, que pouco tempo sobrevivera á ruina d'Alcacer-Kibir, exclamando ao receber a fatal noticia: —Ao menos, patria, morro comtigo!

Fosse qual fosse porem o seu viver, lendario ou não, é certo que nunca maior poeta produziu a peninsula, nem que mais contribuisse para a gloria da sua patria, ainda hoje lá fóra conhecido pelos versos de Camões.

Infatigavel cantor da independencia do seu berço, justo era que lhe não sobrevivesse quem fora até á morte inspirado por um profundo amor da grandeza nacional. Trezentos annos esquecido sob a lapide funeraria que na campa lhe collocou mais a caridade do que a admiração, é justo esperar que tão espontaneo e forte signal de vida faça reivindicar com a gloria do poeta a gloria da patria que elle immortalisou com seus cantos sublimes.

Aproavera a Deus fazel-a acordar d'um prolongado somno, tanto tempo dormido sobre louros que os interesses egoistas emmorrecesseram talvez para sempre, quando tantos elementos de vida lhe restam ainda, tantos mares que rasgar, tantas riquezas que colher nas florestas frondosissimas das possessões d'ultramar.

CEZAR DE SÁ.

## CAMÕES APÓS TRES SECULOS!...

E tu, mãe descarôavel, me engeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata:
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

GARRETT—*Morte de Camões.*

Bem haja, ó patria minha, o fausto dia
Em que um povo, exultando de alegria,
Sabe Camões lembrar!
Bem haja a liberdade sacrosanta
Nos fructos e laureis que o heroe nos canta
Das glorias d'alem-mar!...

Em mentiroso sonho abrindo o peito
A's settas, que um amor em duro pleito
Os pulsos te algemára,
Lançaste n'alma o germen d'um poema
Gloria do povo luzo... a luz suprema
Da historia preclara!

Quando d'Africa as terras demandavas
A exilio por amor mal tu sonhavas
N'um nome sem egual;
Nas lagrimas tão puras que vertias
Por entre o soffrimento engrandecias
O céu de Portugal!...

Nas proprias desventuras te elevaste
E na sorte das armas conquistaste
D'heroe o nome teu;
De Ceuta nas muralhas te avistaram
Em lucta contra mouros que deixaram
No campo o sangue seu!...

Um dos brilhantes olhos lá perdeste
A' luz d'uma peleja que tiveste
Contra o mouro infiel...
Amor... saudade... patria... tudo espinhos!
Dos aulicos villões nos vis arminhos
Encontras negro fel!

Após desgraças mil algemas voltam;
Os teus pulsos d'heroe promessas soltam
A novas aventuras...
Da Azia os fundos mares, d'India as aguas
Que contem para sempre ingentes maguas
Tormentos e amarguras!...

A penna mais valente que a espada
Lá vae na tua dextra immaculada
Para as luctas na China!
Dous annos de desterro ahi se passam;
Espinhos e saudades se entrelaçam
Na gruta tão molina!...

N'uma das tuas mãos a espada empunhas;
Com outra á luz do genio tu compunhas
Estancias d'um poema:
Soldado em firme arnez, poeta n'alma
Colheste de guerreiro—a nobre palma,
De cantor—o diadema!...

Da gruta de Macau foste impellido,
Para novas vinganças transferido,
A' Gôa portugueza!
Mas da furia dos ventos a rajada
Por entre os escarceos tornou em nada
A nau que tinha a preza!

Nas costas de Camboja sobre as ondas
Cavadas... negras... feias... hediondas
A nado te salvaste...
Unindo ao peito teu a nossa historia
Não deste ás vagas tumidas a gloria
D'heroes que laureaste!...

Não bastára das ondas a tormenta;
D'um aulico a vingança tão sedenta
Em Gôa te algemou!...
A' luz por entre ferros joeirada
Soubeste que a «gentil» pomba adorada
Na patria se finou!...

Que impressões em tua alma se passaram!
Que pungentes espinhos te rasgaram
O peito lacerado!...
Mal haja o vil opprobrio da vingança!
Mal haja a mão cruel que não se cança
De ferir o exilado!...

Na praia, em Moçambique, já liberto,
Qual palmeira gigante n'um dezerto
Amigos te abraçaram;
Amigos... que um desastre alli trouxera,
Irmãos... que em amizade bem sincera
A luzos te entregaram...

Mais de tres lustros, martyr, viste afim
Da patria o céu azul, onde a ruim
Intriga te tolhera!...
Trazendo á gente-luza essa epopeia
D'ingratos vês Lisboa quazi cheia,
Ninguem te considera!...

E no meio d'abrolhos da mizeria,
Entregando a grande alma á luz ethérea,
Morreste desgraçado!...
Sim... da patria ingrata e fementida
O futuro teus hoje por guarida
De louros matizado!...

Teus zoilos na vil sanha alimentados,
Ciumentos de glorias, tresloucados,
Lá vão no pó sumidos!
E tu, heroe dos tempos, immortal,
Terás um nome illustre sem egual
Em versos tão luzidos!...

Bem hajas, patria minha, n'este dia;
Bem hajam os teus filhos que á porfia
Sabem tal nome honrar!...
Nossa gloria é Camões, cantor mimoso
Que a patria em poema precioso
Nos soube eternizar!...

A'vante, cidadãos, joelho em terra;
O fanal de três seculos descerra
Da patria um portente!
Nos cantos dos festins que ao céu eccoam
Em terra portugueza em fim se entoam
Hossannas ao talento!!!...

Aveiro.

## HOMENAGEM A CAMÕES

Trez seculos de esquecimento e de abandono pezaram sobre a louza do grande, do primeiro épico portuguez! Portugal, envergonhado, arrependido do dilatado periodo de indifferentismo vergonhoso e imperdoavel, vem hoje, reverente, alevantar essa louza que é a pagina mais ignominiosa da sua historia, e beijar as gloriozas reliquias do immortal cantor e lidador das glorias patrias, ha trez seculos confundidas n'esse pó, onde a cinza dos heroes nunca deveria descer!

Era necessaria a reparação, embora tardia mas expontanea e enthusiasta, de todo o reino, reunido e congloba do hoje n'um amplexo de brioso patriotismo, porque as nações estrangeiras, tão ciosas sempre de seus brilhos, tão amantes de seus triumfos, tão soberbas de seus louros, tinham os olhos postos n'esta nossa indifferença, silenciosa mas eloquente accusadora do desprezo que professamos pelas tradições gloriosas do nosso paiz, e da ingratidão com que recompensamos os evangelisadores d'essas tradições.

Era justa, porque, embora ao genio bastem os esplendorosos jorros de sua propria luz, para triumphar da morte, do esquecimento, do nada, do abandono e do sombrio véu dos seculos, a Portugal não basta cingir-se com a aureola dos heroes, cobrir-se com o manto radiante de sua gloria, para mostrar ao mundo que é uma nação civilisada, illustre por seus brios, digna patria dos heroes que a souberam engrandecer!

Estes trez seculos, silenciosamente decorridos sobre a campa d'esse athleta do passado, d'esse athleta do futuro, grandioso vulto que não se apouca com o embater dos tempos, que foi grande como soldado, maior ainda como poeta, não lograram apagar seu nome da nossa historia; não emudeceram o ecco de seus maviosissimos cantos, nem derruiram o glorioso pedestal que elle proprio soube erigir-se, perpetuando a sua memoria!

As scintillações da sua espada passaram atravez do tumulo, reflectiram-se atravez dos tempos, e chegaram até nós, brilhantes e desassombradas, como de nós hão-de passar á posteridade; e as vibrações de seu estro venceram o silencio, supplantaram a indifferença, derramaram-se no espaço, e repercutem-se em todos os espiritos, como as notas cristalinas de um instrumento, que o ouvido recolhe para insinuar na alma em torrentes de suavissima harmonia!

Estes trez seculos, porem, se não abalaram, se não fizeram oscillar o grande vulto no pedestal da sua immortalidade, cobriram de opprobrio a nação, amesquinharam o nome portuguez, esse nome que elle tanto amou, pelo qual tanto pelejou com a espada e com a penna, e obscureceram com mancha indelevel as paginas da nossa historia, maculando os brios da nossa nacionalidade.

Camões! tu foste sempre grande; a humildade da tua campa valia pelo mais soberbo pantheon, porque o teu nome é a mais eloquente apotheose de si mesmo, o mais custoso marmore de alevantado monumento. A patria é que foi pequena; só hoje é grande, só hoje é digna de ti!!

Perdôa-lhe; tu que a amaste com idolatria, que a defendeste com heroicidade, que a sublimaste com as esplendidas manifestações de teu genio, e que em recompensa recebeste d'ella as durezas do exilio, os amargores do opprobrio, e as tribulações da miseria, durante o teu curto peregrinar na terra! Perdoa-lhe estes trez seculos mais de abandono e ingratidão, que recaem sobre ella, pezados como o lathego das flagellações, escuros como as sombras do remorso; mas nem apouçam a grandeza do teu nome, nem obscurecem as reverberações da tua gloria.

Ao erguer-se a lage do teu sepulchro, ao exhumar-se o já tão mingoado involucro do teu grande espirito, não é um homem, não são dois, não são trez, não são mil, que se prostram reverentes ante esses restos: é a nação, a nação inteira, a nação impelida pela recordação d'um passado cheio de triumfos; impulsada pelo mesmo sentimento de religioso patriotismo, subjugada pela magestade d'esse passado que synthethisas, deslumbrada pelos clarões do genio que aureolaram tua fronte, destacando-se luminosos no fundo sombrio dos tempos, que se curva respeitosa ante as cinzas do heroe, e levanta, com a espada e com a penna d'esse heroe, um monumento de immorredoura gloria, para as gerações modernas estimularem seus brios, incitando-se na contemplação d'esse monumento, arrojados e gloriosos emprehendimentos!

E' grande, é nobre, é elevado o pensamento que hoje reune todos os portuguezes, todos quantos prezam o esplendor da sua patria, todos quantos trabalham por levantal-a ás eminencias luminosas do progresso, quer na carreira das armas, quer na carreira das letras, em redôr do grande vulto de Camões, que, consubstanciando em si os triumfos d'essas duas carreiras, tão distinctas e tão gloriosas ambas; alliando a heroicidade do soldado á magestade do poeta, a acção á ideia, os lampejos da espada ás vibrações da lyra, o genio das batalhas, ao genio das harmonias; sendo para uns exemplo de valôr, d'abnegação corajosa, de patriotismo inexcedivel, e para outros o *fiat lux* da poesia; o iniciador do lyrismo epico e do lyrismo sentimental, ambos distinctamente accentuados em seu immortal poema—*Os Luziadas*.

Herança abençoada, thesouro preciosissimo e inexgotavel de valores intelectuaes, salvê! Tu que foste disputado ao furor das vagas, salvo do naufragio dos mares e o naufragio da mizeria, á custa de heroicos sacrificios, para seres transmittido como espólio glorioso á patria infiel, passando intacto pela acção dos tempos ás mãos da posteridade, salvê! Trez vezes eu te saudo; no passado, no presente e no futuro; no passado que é nossa gloria; no presente que é nossa esperança e no futuro que é nossa luz!

E tu, ó grande Camões, filho dilecto das muzas, genio destemido das batalhas, perdôa a uma obscura admiradora das tradições grandiozas e sublimes, que vem hoje depôr seu pobre preito a teus pés, pagando á tua memoria um fundo de gratidão, a ouzadia com que enlaça aos louros viridentes e emmurchecivéis da tua corôa, este mesquinho ramo de flores incultas e incolôres!

Tu que és grande verdadeiramente grande, não desdenhas receber, com a offerta dos poderozos, o pequeno obulo dos humildes; com os poemas dos vates, estas singelas estrophes—homenagem sincera d'um espirito que te admira, e não póde allar-se ás regiões luminozas e infinitas, onde só os genios como tu voejam e habitam!!

Camões! tu não morreste, porque a morte só póde aniquilar o que é mortal!
e tu que és grande, que és sublime e forte
não podias cahir! Genio immortal
revives nos teus cantos e és da historia,
onde em brilhantes paginas de gloria,
deixastes inapagavel a memoria
do muito que valeu teu Portugal!

Camões! tu não morrestes! dil-o a fama
de teus sublimes feitos. Foste e és
exemplo de heroes! E's a auri-flamma
o verbo da poezia, onde bem vês
os vates vêem todos inspirar-se!
Poeta, quem a ti ha de egualar-se?!
Subiste onde ninguem póde elevar-se!
Portugal vem prostrar-se hoje a teus pés!!

D. HENRIQUETA ELISA.

## A GEOGRAPHIA DE CAMÕES

Os *Luziadas* são por si só um completo tratado da sciencia da terra. Não ha ponto conhecido no mundo do seculo XVI de que o poeta não falle, assignando a cada um a sua especialidade ethnographica caracteristica, a sua especialidade ethnographica. Mas as suas descripções teem ainda a particularidade de serem essencialmente maritimas. Effectivamente ao marinheiro o que mais importa saber, depois da posição dos logares, é a fórma com que elles se apresentam vistos do mar, fórma que o marinheiro precisa de gravar na memoria para poder distinguir uns dos outros montes, cabos, praias ou enseadas, aliás muito similhantes. Para isto serve-se muitas vezes o navegador da comparação com objectos conhecidos, e foi de certo elle quem inventou os nomes de Sombreiro, Barrete de S. Filippe, Bonet de Jockey, Nariz de Nelson, e tantos outros, para designar e reter na memoria a fórma de certas saliencias da superficie da terra banhadas pelo mar. Ora, nas descripções geographicas de Camões, nota-se que elle procura muitas vezes dar o relevo da costa, e que quazi sempre refere a ella a descripção dos out

E se, perdidos na lucta,
Parcos haveres lá vão;
A vida e cantos disputa,
Que salvos por elle são.

Apórta a Góa. Domára
Das ondas a furia ingente;
Não doma a tenção ignóra
De baixa, mesquinha gente.

E quando...—sejam momentos—
De melhor viver alcança,
Eis que o maior dos tormentos
Em flor lhe ceifa a esperança.

Má nova, triste, sentida,
Lhe trazem éccos d'alem:
«Solta do tronco, sem vida,
«Jaz murcha gentil cecem!»

O astro que te era guia,
A luz que te alumiava,
O sentir que te movia,
O calor que te aquentava...

A tudo a morte pôz termo!...
Que saudades d'esse amor!...
Jaz teu peito, agora ermo,
Egregio, infeliz cantor...

Não!—que a patria sua amada
Morrer já lhe não consente:
Por ella o talento, a espada,
Viva embora descontente.

E ao pregão da luza gloria,
De novo alento movido,
Põe fim. Eterna memoria,
Que vence as trévas do olvido.

Com ella á patria voltava,
Seu leal amor o chama.
P'lo braço, que já vergava,
Traz-lhe o filho, que mais ama.

Fructo de engenho e d'estudo,
Como não houvéra egual;
Diz-lhe a consciencia tudo...
Sabe-o elle o que elle val'.

Sabe... não sabe—coitado!
Que o sol da patria, sem cór,
Nem já reflexo doirado
Tem—para os do seu amor!

Desprezo, inveja, indiff'rença,
De baixa, torpe vingança,
Eis de Camões a sentença!
Morreu-lhe n'alma a esp'rança.

Nem elle! o divo portento,
A quem dão culto as nações,
D'esta—o nome, a gloria, o alento...
Nem ell'! Mister de vilões...

—Com seu damno se resigna,
E quando a vida perder,
Então—diz—rasão benigna
Contará do que eu merecer.

E a Deus se entrega, soccorre,
Na dôr, allivio seguro,
E ao morrer da patria... morre?
Que o diga a voz do futuro.

Morto?! Não. Esse o dia em que nasceu.
D'ahi, em vivos sons, d'alta memoria,
Começa livre applauso ao genio seu.
«Só com perder a vida achárei gloria.»

Tu disseste Camões. Maior poeta
Dupla, celeste chamma, em ti fulgura;
Juntaste á luz do estro a de profeta
Previste ser teu berço a sepultura.

Para alem d'ella, só, viver sem fim,
Por seculos contados, não por annos,
Que Deus, no seu contar, celebra assim
Os mortaes, de labores mais que humanos.

Do que é vida commum viveste... nada!
D'instrumento a toada, quando afina,
Ás harmonias d'opera comparada
Ou molecula, em bunca exhausta mina.

Desditoso... Cortaram-te amarguras,
Teu condimento foi triste pobreza,
Mas, de teu claro peito não perjuras,
Vozes soltas, jámais, de vil baixeza.

A povo, a reis, embora em proprio damno,
Verdades d'alma, a todos só disseste;
Egual no rhythmo, ao vate mantuano,
Dos Mecenas melhor foges á peste.

Vulto que assombra! ao ver esse delirio,
Da patria—hoje em clamor de saudações,
Arranca, altivo, a corôa do martyrio;
Deu-te a da gloria—a voz das gerações.

A voz do mundo, que te acclama unanime,
Que, em repetidos eccos, ao infinito,
Dirá, se Portugal um dia examine,
Jazer á força de brutal conflicto:

Povos, que vos dizeis grandes nações!
Respeito ao nobre vulto moribundo.
De seus feitos enchera, outr'ora, o mundo!
Lizes, leopardos, aguias e leões...
O que morre tem outros por brazões;
—Portugal tem os versos de Camões!

JOAQUIM DA C. CASCAES.

---

A estatua mais collossal, que o Camões podia ambicionar, erigiu-lh'a não só a patria, mas todo o mundo civilisado. Quem escreveu os LUSIADAS e inspirou o CAMÕES, dispensa bronzes, que lhe perpetuem o nome.

Profetico foi aquelle verso em que o cantor das nossas glorias, referindo-se ás façanhas heroicas dos portuguezes, disse:

Cantando espalharei por toda a parte;

pois nenhum poeta do seu tempo logrou maior nomeada, nem acaso se viu reproduzido em tantas linguas.

Dos *Lusiadas* se contam sessenta e tantas versões em idiomas estrangeiros: oitenta e quatro são as suas edições portuguezas; sendo para notar que durante a dominação dos Filippes se fizeram em Lisboa 24 edições do poema e das rimas de Camões.

Protesto eloquente e ousado dos nossos avós contra o feroz captiveiro que os opprimia, brandindo contra os inimigos da nossa independencia a unica arma que ainda lhes consentiam—a lingua patria; pois só com ella alimentaram o fogo sagrado, que com tanto impeto rebentou em 1640!

As armas dos quarenta conjurados para libertarem a patria do jugo hispanico foram o seu grande patriotismo, a sua espada e a impressão successiva dos *Lusiadas*, espalhados por todo o paiz.

Admiravel condão do genio!

Se a morte quebrasse os sellos que fechavam as palpebras do poeta, e, afastando a louza, elle podesse espraiar as vistas pelo horizonte da patria restaurada, como se sentiria feliz com a sua obra!

A satisfação, n'esse momento provada, indemnisal-o-ia de todos os desgostos da sua tão desventurada vida.

Os *Lusiadas*, esse Evangelho de patriotismo, livro sublime, em cujas paginas se veem perpetuamente gravados os inauditos feitos dos portuguezes, representam o thesouro mais rico que possuimos. Os *Lusiadas* são a epopeia das navegações e descobertas; mais do que isso: são o monumento d'um povo, a urna das suas tradicções, os fastos do seu heroismo, o pantheon dos seus heroes, o tropheu de suas glorias. Os *Lusiadas* são um archivo de honra com hymno nacional.

Todos os seus versos, os inspira o amor da patria, que accendeu o estro de Camões; o canto vibra-lhe com phrenetico enthusiasmo, ao narrar as façanhas portuguezas; o seu talento agenta-se aos caracteres dos personagens e á variedade das situações; é sublime e terrivel com Adamastor, gemebundo eterno com Ignez de Castro; tem o canto viril de Tirteu fallando de Aljubarrota; é voluptuoso como Ovidio; scismador como Ribeiro e impetuoso como Pindaro.

Do naufragio do mar salvou o seu poema; do naufragio da patria salvou a gloria d'ella.

A. C. HENRIQUES D'AGUIAR.

---

## CAMÕES E PETRARCA

O nosso Camões, no canto IX dos *Lusiadas*, em que descreve a ilha dos amores e as nymphas fugindo atravez da espessura acossadas pelos novos argonautas, põe na bocca do soldado Leonardo que corria atraz de Ephyre, entre outras ternuras do seu variado reportorio de manhoso cavalleiro e namorado, a seguinte estancia:

LXXVIII

Não canses, que me cansas; e se quéres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal, que inda que esperes.
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim d'este successo,
*Tra la spiga, e la man, qual muro è messo.*

Talvez haja alguem que não saiba aonde foi Camões buscar este verso italiano para fechar a sua oitava.

Vamos pois dizer-lh'o.

Foi a um soneto da primeira parte das Rimas de Petrarca em que o poeta se queixa de não ter visto Laura a uma certa hora que ella lhe havia promettido, cujo soneto diz assim:

Se col cieco desir, che'l cor distrugge,
Contando l'ore non m'ingann'io stesso,
Ora, mentre ch'io parlo, il tempo fugge.
Ch'a me fu insieme ed a merce promesso.
Qual ombra è si crudel che'l some adugge
Ch'al desiato frutto era si presso?
E dentro dal mio ovil qual fera rugge?
*Tra la spiga e la man qual muro è messo?*(1)
Lasso, nol so; ma si conosco io bene
Che, per far più dogliosa la mia vita,
Amor m'addusse lì si gioiosa spene.
Ed or di quel ch'ho letto mi sovvene;
Che innanzi al dì dell' ultima partita
Uom beato chiamar non si convene.

TRADUCÇÃO

«Se me não engana, no contar das horas, o cego dezejo que me consome o coração, agora mesmo, em quanto fallo, foge o tempo que por compaixão me foi promettido.

«Que nevoa tão cruel ennegrece a planta que do dezejado fructo era tão proxima? E dentro do meu redil que fera ruge? *Entre a espiga e a mão que muro é posto?*

«Desgraçado, não o sei; mas bem conheço que o Amor me entertem com tão fallaz esperança para fazer mais doloroza a minha vida.

«E agora do que hei lido me recordo; que antes do dia da ultima jornada, não deve o homem feliz julgar-se.»

Aquelle celebre soneto de Camões em que se traça a historia d'uns amores nascidos em sexta-feira santa n'um templo, e que começa:

O culto divinal se celebrava
No templo, d'onde toda criatura
Louva o Feitor Divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava,

é a imitação do terceiro soneto de Petrarcha:

Era 'l giorno ch'al sol si scoloraro
Per la pietà del suo Fattor i rai,
Quand i' fui preso e non me ne guardai,
Che i be 'vostr 'occhi, donna, mi legaro!

No soneto II diz Camões:

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que dois mil acridentes namorados
Faça sentir ao peito, que não sente.

N'um dos seus sonetos (LXXXVII) escreve Petrarcha:

Io canterei d'amor si nuovamente
Ch'al duro fianco il di mille sospiri
Trarrei per forza, e mille alti desiri
Raccenderei nella gelata mente.

E' fóra de duvida que Camões conhecia perfeitamente a litteratura italiana. Eram-lhe familiares Petrarca, Dante, Ariosto e Sanázaro.

Tasso chamava-lhe o *colto e buon* Luigi; Leonardo Torriano, appellidava-o *degno Apollo e degno Omero*.

Que perda irreparavel não foi para Portugal a prematura morte do nosso inclito vate! o eclipse funebre d'aquelle astro fulgurante!

Quanto não teriamos ganhado em fama e gloria se elle não tivera occazião de dizer, traspassado de magoa, ao saber do terrivel desastre d'Alcacer-Kibir: «Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoado á minha patria que não sómente me contentei de morrer n'ella, mas de morrer com ella.»

Que mananciaes de poesia não promettia elle a D. Sebastião no ultimo canto do seu livro immoredouro!

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás muzas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser presada:
Se isto o Céu me concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Ollhando a vossa inclinação divina:

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os mouros de Marrocos, e Trudante;
A minha já estimada e lêda musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandre em vós se veja,
Sem a dita de Achilles ter inveja.

Assim, perdemos um poema quiçá mais rico do que os proprios *Lusiadas*. Quaes bellas descripções nos não faria elle d'aquelle paiz dos oasis e das palmeiras! Que novos episodios d'amor nos não descobriria elle n'aquelles dourados harens, onde o sol africano escalda o sangue das odaliscas gentis que suspiram com ternura ao aspirar as brisas impregnadas do aroma dulcissimo das larangeiras em flôr!

Camões foi para os portuguezes o que Homero foi para os gregos e Virgilio para os romanos. Sem estes e outros varões illustres, que nos restaria hoje d'essa brilhante antiguidade por onde aferissemos a sua adiantada civilisação? Da Grecia apenas encontrariamos o Parthenon em ruinas, uma ou outra columna derruida, uma ou outra estatua mutilada; de Roma, alguns arcos guerreiros desmoronados e o Colysseu em pedaços.

O tempo, no perpassar dos seculos, consome todo quanto sáe das mãos dos homens; só os bons livros os immortalizam.

Se por infelicidade nossa este pequeno Portugal desapparecesse um dia do numero das nações, bastaria só o poema do nosso primeiro poeta para nos fazer reviver nos fastos da historia.

Devemos portanto honrar o nosso grande epico como o filho mais illustre de nossa patria, que tornou immortal nos seus inspirados cantos.

S. FRANCO.

Aveiro.

---

## SALVE, CANTOR DAS NOSSAS GLORIAS!

Em frente aos cegos ponde as maravilhas
Com que a natura offusca o pensamento...
E tentai despertar-lhes sentimento,
Accumulando pilhas sobre pilhas!...

(1) O original traz a este verso a seguinte nota: — *Quem espera grão d'amoroza espiga?* disse Onesto Bolognese. E a assas semelhante aquelle proverbio: *Inter os et offam*, ou a est'outro: *inter os et calicem.*

---

Alçai-lhes da belleza as roseas filhas
Que forçam ao rugir das sensações!...
Abordai-os da praia, e as convulsões
Da magestosa vaga lhes narrai!...
Tudo o que é grande e bello ao vôo dai!...
E, allim, sondai-lhes d'alma as impressões!

Que vedes!? para tudo... atroz frieza!
Um fragil accidente, tão mesquinho,
Suspendendo o andaz redemoinho
Do espontaneo ardor na u tureza!!
Mas quando um dia os dedos da princeza,
Que de sciencia o nome conquistou,
Rasgam o vêu que a vista embaciou
Com o gume de fino bisturi,
O fogo d'alma então trasborda alli,
Ateado pelo sol que a visitou!...

E só então veneram, reverentes,
O creador de tanta refulgencia!...
E só então attingem consciencia
Do quanto valem d'alma os ambientes!
*Eis a sorte dos genios eminentes!!!*
Talentos impregnados de fragrancia,
Se os não apaga o gelo da ignorancia,
Tambem o não aquecem n'um ceitil!!...
Perpassam-lhe de fronte vezes mil...
Nem sequer os sauda ingenua infancia.

Mas tanto que desponta e vae crescendo
Fatal e justiceira illustração,
Cada vez mais se agita o coração
Ao contemplar os rastos que está vendo!...
E, pouco a pouco, vae lhes concedendo
O extasis sublime e espontaneo,
Producto facil dos vulcões do craneo
Que, consciente, sondou o que é grandioso!
E o ecco d'esse vulto prelustroso,
Apezar de tardio, é instantaneo!

Foi este o apreço do cantor sublime!
Das glorias nossas que nos deram nome!
Envolto em brilho, foi talvez de fome
Preza forçada!... horrivel, negro crime!!
Quando, mais tarde, doceis como o vime,
A' illustração as almas se amoldaram,
E o berço do poeta prescrutaram,
Nem sequer d'esse mesmo deram tino!
Aventarou-se muito em seu destino...
E nada positivo inda firmaram!!

Mas foi tal o seu vulto d'altá gloria,
Que só por igneos raios de talento,
Traçou, no andar dos seculos, firmamento
Nas paginas brilhantes da historia!
Consubstanciou de todos na memoria
O brilho que vagueou por tantos annos!
Camões desfumbra alli os seus tyrannos...
São testimunho, hoje, os mil festejos
Em que a alma traduz os seus desejos!
Oh! salvé, pois, cantor dos lusitanos!

JOAQUIM BAPTISTA LEITÃO.

Feira.

---

## O TRICENTENARIO DE CAMÕES

A MEU IRMÃO

**J. M. Barbosa de Magalhães**

N'esta epoca de civilisação, em que por toda a parte o desenvolvimento intellectual caminha a passos gigantescos; em que as gerações hodiernas se compraseem em rememorar com enthusiasticas manifestações os aniversarios dos heroes da espada, da penna, do pincel, do escopro e da lyra; em que as nações mais adiantadas do mundo commemoram o tricentenario da morte do principe dos poetas portuguezes, LUIZ DE CAMÕES, que nos legou esse levantado padrão das nossas glorias, — *Os Lusiadas*; Portugal não podia nem devia deixar de festejar condignamente esta data, como uma das principaes da sua tão brilhante historia.

E assim foi! O Porto, a terra das grandiosas iniciativas, foi o primeiro a erguer o brado, secundado pela formosa rainha do Tejo,—mãe patria do insubstituivel épico—e logo pelo paiz se manifestou o enthusiasmo, resolvendo-se tornar brilhantissimo o dia 10 de junho de 1880, para que a mocidade, da nação, aprendessem a venerar aquelle nome, como o do mais illustre varão, que paz todo o seu empenho em tornar grande o *ninho seu paterno*!

Este pequeno reino, a que o mavioso cantor do Pavia chamou propriamente — *jardim da Europa á beira-mar plantado*—é grande e respeitado, porque CAMÕES o tornou assim com a apparição do seu monumental poema; e por isso, embora os baldões da sorte lhe embassem o brilho da sua gloria, jámais deixarão de luzir, atravez d'essas negras nuvens, as gemas purissimas do diadema, que lhe offertou o desterrado na gruta de Macaú.

Já trez seculos são passados; mas se em vida teve por apogeu—a miseria, e por galardão apenas a amizade d'um pobre servo; agora revive em todos a memoria do seu genio extraordinario, e recrudesce a fama da sua obra, que todas as nações veneram e apreciam como um modelo inimitavel!

E é por isso que aqui saem á publico luxuosas edições do poema; acolá se dão á estampa publicações consagradas ao auctor; nas principaes cidades se fazem vistosas festas civicas; uns o cantam; outros o louvam; e todos se unem no mesmo pensamento de exalçar aquelle que melhor que ninguem exaiçou Portugal.

E Aveiro, que se ufana de possuir em seu seio aquella, que a tradição apoda como sendo a—*Nathercia*—de CAMÕES, não podia deixar passar despercebida a data gloriosa em que a posteridade, apóz tresentos annos, paga a enorme divida ao immortal cantor da linda Ignez.

Saudemos, pois, com jubilo este dia, que a historia registará com ufania, como o que mais ha-de contribuir para demonstrar que a presente geração sabe honrar a memoria dos seus maiores; e que, tributando a CAMÕES tanta homenagem, que lhe é devida, implicitamente protesta pela independencia da patria,—que elle tanto amou!

Aveiro.

FRANCISCO DE MAGALHÃES.

---

## OS LUSIADAS

Oh! Zephiro suave e peregrino!
Tú, que brincas nos bosques docemente,
Leva a fama do genio camonino
A's ignotas paragens do Oriente!...
Que o poema do povo neptunino
Seja ouvido por toda a luza gente,
*Para cosso conselho, pois que sabem*
*O como, o quando, e onde as coizas cabem.*—

EGBERTO DE MESQUITA.

Aveiro.

---

## CAMÕES NO DESTERRO

Segundo os valiosos apontamentos sobre Camões, colligidos e coordenados pelo sr. visconde de Juromenha, deve referir-se ao anno de 1542 a sahida do nosso epico de Coimbra, tendo concluido a formatura na Universidade com distincção e aproveitamento.

Voltando a Lisboa, Camões começa a frequentar os serões poeticos, que já então faziam as delicias dos eruditos, adquirindo assim a amizade dos representantes da primeira nobreza, entre outros do duque de Bragança D. Theodosio, de seu irmão D. Constantino de Bragança, do duque d'Aveiro, do marquez de Villa Real, do conde de Redondo, do marquez de Portella, de D. Manuel de Portugal, de D. Antonio de Noronha.

Datam d'esta epoca os amores de Camões com D. Catharina d'Athayde, filha de D. Alvaro de Souza.

Tornando-se publicos estes amores, Camões é desterrado para fóra de Lisboa; e conforme se infere da canção XII e elegia III, analysadas pelo sr. visconde de Juromenha, o logar destinado para o desterro foi a aldeia de Punhete. Depois foi ainda Camões exilado para a Africa, sendo-lhe para este fim designada Ceuta, onde sabemos que combateu denodadamente contra os mouros, em quanto os seus escrupulosos perseguidores dormiam, sem duvida, o somno solto nos aposentos mais reconditos de seus paços, ou remirando-se com enlevo e orgulho nos brazões de seus avós.

O tremendo crime de que se tornára réo Camões erguendo olhos d'amor para a dama da rainha, D. Catharina, estaria por esta fórma expiado?

As leis vigentes no reinado do Principe Piedoso parece-o-nos hoje demasiado severas, para lhes não darmos qualquer outro nome menos cortez, se é certo que por algum artigo de lei, e pelo crime de que se fez menção, Camões foi de tal modo punido. Affigura-se-nos, no entanto, que o exemplo era para dar na vista, e conter nos devidos limites ainda os mais arojados.

O seculo XVI, que a historia assignala pelo esplendor que n'elle attingiu a litteratura, e a que correspondem os seculos de Leão X na Italia, de Augusto em Roma, de Pericles na Grecia, de Luiz XIV em França, queria por certo ser tambem considerado mais tarde o palladio venerando da moralidade, que andára de Herodes para Pilatos envolta nas trevas da edade media.

Se um simples volver d'olhos, um aceno innocente, uma redondilha mais sentimental bastavam para desterrar da patria quem ousasse tomar a responsabilidade d'estes feios peccados, é muito de presumir que os costumes publicos e as virtudes nacionaes se levantassem ao maximo grau de perfeição, a uma perfeição talvez verdadeiramente ideal. Os factos porém desmentem a presumpção. Basta lembrar a desfaçatez e o impudor com que, após a catastrophe de Alcacer-Kibir, os primeiros fidalgos do reino se converteram em vendilhões descarados, sacrificando a independencia de Portugal ás cedulas infames de Philippe II, de Hespanha, e ás seductoras e phantasmagoricas promessas dos seus dextros agentes.

Mas voltemos ao ponto em que iamos. Expiaria Camões bastante a sua louca ousadia, no desterro de Punhete e de Ceuta? Ficariam assim dissipadas de uma vez para sempre, as sinistras apprehensões dos aguasis e guardas portões da etiqueta palaciana? Lavaria com o sangue derramado junto ao estreito de Gibraltar, a pral da patria, a *nódoa* que pezava sobre o seu nome? Rehabilitar-se-ia assim no conceito dos seus concidadãos, captando-lhes os favores e bemquerenças? Se tudo Camões conseguiu e mereceu, nada lhe aproveitou. A insidia continuava, surdamente, a tecer intrigas contra elle. As desconsiderações proseguiram. As injustiças não conheceram termo. As vexações não se fizeram esperar. E tudo afinal confluiu e se arrojou contra o pobre poeta, que parecia estrangeiro no patrio solo!

Assim, voltando Camões de Ceuta a Lisboa, e vendo-se de todos repellido e odiado,

«Sem que *lh'o* merecesse, ou *os* errasse.»

resolve ir para longe da patria collocar-se ao abrigo dos seus inimigos. Alista-se, pois, no Registo da Casa da India, e parte na náu S. Pedro dos Burgalezes, que pouco depois arribou desarvorada ao Tejo, não chegando por isso a seguir viagem n'ella. Embarcando de novo na náu S. Bento, chega a Góa em principios de setembro de 1553.

Tão longe da patria, das intrigas e odios de que era alvo, a má estrella de Camões não o desampara ainda. A desgraça ás vezes, quanto mais o homem se esforça em fartar-se-lhe, mais ella se obstina em perseguil-o. Ha infortunios que só acabam no fundo da sepultura, se acaso ahi mesmo acabam.

Camões é um d'esses desherdados da fortuna, para quem cada dia da existencia é uma tempestade, para quem as horas se contam por amarguras, e amarguras das que mais pungem. Se o contemplarmos durante a quadra que mais devia enleval-o, se o contemplarmos na patria ou longe d'ella, encontral-o-hemos sempre offerecido em holocausto aos instinctos mais depravados, mais irracionaes, e quiçá aos caprichos d'um destino cruel, ora victima de preconceitos estupidos, ora vergado ao pezo de accuzações vilissimas, de invejas a que nem por sombras dera causa, de maquinações protervas, de injustiças flagrantes. E todavia, no meio da sua deploravel situação, da miseria que lhe batia á porta de continuo, de tantas e tão profundas magoas que o attribulavam, elle lá ia revolvendo na phantasia as gigantescas concepções do seu poema, nas horas que podia fruir socegado, só, fallando comsigo e com as suas tristezas e saudades.

Lá ia compondo, desde os seus fundamentos, a historia do seu Portugal, no livro que seria a sua maior gloria, e a admiração das gerações por vir; no livro que nós hoje consideramos obra d'um genio superior, monumento eloquente e altaneiro da nossa litteratura.

Surprehende que Camões, coberto de vilipendios, maldito e escravo da sorte, que nunca para elle teve um sorriso affavel, a braços com todas as provações, n'um accesso de justo desespero, não chegasse por fim a olvidar para sempre a patria, e a repellir com amargo enfado todas as reminiscencias que a ella o prendessem. Admira egualmente que tão mal agoa, sem uma esperança sequer de melhorar a sua triste condição, quando o pezo dos annos e as decepções mais angustiosas gravitavam sobre elle, lhe sobrasse ainda coragem e energia bastante para estampar nas paginas do seu poema immortal as glorias da nação preste a abysmar-se, a erguer nos escudos do seu talento o nome de Portugal para que não morresse, a esculpir em caracteres indeleveis os feitos dos nossos heroicos navegadores, o arrojo e brilhantismo das nossas armadas, a importancia grandiloqua das nossas descobertas e conquistas. Seria apenas um vão egoismo que levou Camões a amar tanto Portugal? Seria apenas esse amor baseado no facto de Camões ter prezo o seu coração a um ente estremecido que deixára, ao partir para a India, n'estas remotas paragens do Occidente? Conhecerá, por ventura, amor apenas nascido e mal alimentado estremos tão magnanimos? Adjaria acaso em cada canto dos *Lusiadas*, a vulto sympathico de Natercia, de Catharina de Athayde, para robustecer de animo Camões, ao emprehender e concluir obra de tão assombroso vulto, e ao declamal-a ao compasso dos vagos gemidos do oceano nas duras asperezas da gruta de Macau?

De tudo é capaz a mulher; ás mais temerarias e arrojadas emprezas póde ella dar causa e ser incitamento. Se compulsarmos a historia de todos os tempos, achal-a-hemos sempre a par dos grandes triumphos do homem, das investigações scientificas mais notaveis, de todos os emprehendimentos extraordinarios, já dando-lhe alento e conforto nas horas de fadiga, já favorecendo-lhe e afiançando-lhe a iniciativa para as luctas da vida.

Em toda a parte ellas, as mulheres, creação angelica de Deus, erguendo-se com a magestade do seu poder sorridente e affavel, com as suas graças infinitas, com os seus thesouros de inexhauravel ternura! Em toda a parte! Na aurora das nacionalidades, nos campos da batalha, no horisonte das sciencias, nos dominios das lettras e das artes, no sacrosanto conchego do lar, em tudo!

Não se attribua á mulher mais importancia do que lhe pertence, não exageremos a sua influencia em muitos actos da vida; não: mas é que a existencia do homem não póde conceber-se bem, não póde conceber-se de fórma alguma, completamente desligada d'esse ente fragil e delicado, por via de quem se constituiu e vae caminhando pelos seculos a dentro a humanidade, que lhe trouxe a perdição pelo peccado e a graça regeneradora por um dos mais assombrosos e impenetraveis mysterios, a que temos de curvar-nos.

Camões, poderia deixar prezas á patria as mais doces e de parceria amargas recordações, ao pousar os pés no tombadilho da náu que o levava em demanda de horisontes longinquos e para elle desconhecidos; poderia esvoaçar-lhe então na phantasia de guerreiro e poeta, a imagem da sua bella amada, que ficava chorando-o com resignação varonil; poderia confundir as suas lagrimas com as aguas rumorosas do Tejo; poderia fechar no coração, como reliquia veneranda, o vulto sympathico e generoso de Catharina d'Athayde. Mas o coração de Camões era bem grande ainda para abrigar tambem o nome querido da patria, que é para nós como que outra mãe.

E assim Camões, nos longos annos que demorou nas plagas indianas, por mais atroz e horroroso que lhe parecesse aquelle desterro, teria sempre a consolal-o e a robustecel-o, como por encanto affagando-o, de envolta com o rumor vago das soltas brisas do oceano, a luz dos dois astros que o seguiram, que o acompanharam na viagem, que a todos os momentos o enchiam de força, coragem e sobrehumana energia. Acostumado a elles, e sob a sua influencia mysteriosa, luctou sempre, como um heroe que era, contra os vendavaes do destino que o salteavam de instante a instante; luctou com animo valoroso e esperança constante, trabalhando incansavelmente, trabalhando para vencer, como se trabalha para fazer triumphar uma ideia mais predilecta; trabalhou em quanto a vida d'aquella que fora toda a sua vida, de longe mesmo o alentava e lhe sorria, em quanto não teve reconstruido o padrão solemne que salvasse das vicissitudes do tempo, o nome e a gloria de Portugal.

Quando a nova fatal da morte de Natercia o colheu de improviso, Camões sentia baquear um dos apoios em que se lhe ostribava a existencia, e os olhos volveram-lhe naturalmente, com grave accento, para o manuscripto do seu poema. Era apenas o que lhe restava, e ahi a apotheoze da patria, cuja causa deffendera, e os nomes dos seus filhos benemeritos que a illustraram. Cumpria-lhe só salvar esse monumento da ruina. Salvou-o de preferencia a seus magros haveres, quando o mar se lhe abrira para o subverter perto da costa de Cambodja; salvou-o, como penhor sagrado, até que o viu apto para se transmittir de geração em geração, entregue ao maravilhoso invento de Guttemberg.

Fóra a tempa ainda. Portugal estava prestes a cahir nas garras do leão de Castella, posto em leilão pela cobardia e impudor d'aquelles que tinham o nome de seus maiores ligado ás victorias dos mais renhidos combates. Camões não podia já cingir a sua rija espada para acordar aos seus lampejos refulgentes os brios d'esta nação morta. E a severa indignação com que outr'ora apostrophára os governadores da India, que no desempenho do seu cargo commettiam excessos e abuzos, de nada aproveitaria tambem. Era inevitavel a quéda.

Camões bem o reconheceu. Por epilogo dos seus infortunios veio ainda esmagal-o esta dôr angustiosa. Era de mais para forças humanas! Olhou para o passado: nada d'elle o prendia á vida. O futuro apresentava-se-lhe sombrio e carregado. Dados á estampa os *Lusiadas*, e deixados aos posteros como honroso pergaminho, estava preenchida sua missão.

Semelhante á estrella que se apaga quando a tempestade rebenta, Camões adormeceu no eterno somno, abraçado á patria que tanto amára,—quando o exercito invasor de Philippe II entrava por Portugal dentro, a 10 de junho de 1580. Adormeceu apontando para o livro memorial das nossas grandezas, na hora triste e luctuosa em que a independencia nacional se eclypsava para só resurgir após sessenta annos de ignominias e provações.

Sob as trevas da dominação castelhana, os *Lusiadas*, que eram o mais prestimoso documento dos nossos direitos de nação independente, conservaram-nos os poucos que haviam assistido á quéda da patria, não como traidores, mas como inermes: e logo que a aurora de 1640 arraiou os horisontes heroica Lisboa e d'ali passou na velocidade do relampago do Minho ao Algarve,—lidos á sombra dos louros de Montijo, poderam recordar aos bravos companheiros de João Pinto Ribeiro, que a sua tentativa patriotica e feliz fôra digna dos descendentes dos batalhadores de Val-Verde, Aljubarrota e Ceuta.

Aveiro. M. RODRIGUES.

---

## A LUIZ DE CAMÕES

Ha trezentos annos que se escondeu
Para sempre aos ardentes raios do sól que
Tantas vezes lhe crestaram a fronte nas terras do seu desterro, o heroe que illustrou
A sua e nossa patria, com a gloria e com a
Litteratura.

Luiz de Camões! é este o nome do mais
Preeminente vulto da nossa historia, que ha
Trezentos annos deixou de existir!

Sim! Deixou de existir o seu corpo; porém o seu nome e os seus feitos... esses
Nunca deixaram de permanecer no magnanimo coração dos portuguezes; d'aquelles que
Sabem dar merito ao genio e coragem do
Grande varão illustre, que foi eximio nas letras, intrepido na guerra, e no exilio soube
Supportar com firmeza e resignação os horrores da fome e o desespêro da solidão! Se
Não, que o digam todos aquelles que, hoje
Por todo o reino e com tanto jubilo promovem
A commemoração do tricentenario, em honra
E memoria que deve merecer-nos o nome
Tão glorioso d'esse baluarte da patria! Que
O diga todo o jornalismo portuguez! Que o
Digam todas as associações scientificas e litterarias do paiz! Que o digam em fim, os
Briosos alumnos do lyceu d'esta cidade, que
No fôgo do enthusiasmo se associaram para
Solemnisar um dia tão assignalado, como é
O do tricentenario de Camões.

Do coração vos applaudo, ilustrados mancebos! Continuae assim honrando a memoria e recebendo o exemplo do mais eximio
Cultor das letras patrias e mais sublime cantor das glorias nacionaes! Porque, se como
Elle não podeis cobrir-vos de uma pesada
Armadura para pleitear pela patria, nem tão
Pouco cantar uns *Lusiadas*, para a tornar
Immortal, podeis comtudo illustrar-vos nas
Artes, nas sciencias e nas lettras, para ensinardes aos povos a verdadeira virtude, e a
Verdadeira civilisação.

Aveiro. G. M. SANT'ANNA.

---

## A CAMÕES

(INEDITO)

Tagitano cantor do illustre Gama,
Digno filho da inclita Ullissea,
E que embocando a tuba auri-febea
D'este assumpto immortal ás cem da fama;

D'essa tua divina, acesa chamma,
Que no Pindo o teu estro inda affogueia,
C'uma faisca só accende a ideia
Do velho, que teu rasgo ainda inflama.

Deixa, pintor grandioso dos onvidos,
Que o vêu levante ás divinaes pinturas,
E mostre os nobres traços tão subidos.

Os teus quadros, Camões, de aureas molduras
No templo da memoria recolhidos
Conservam vivas sempre as tintas puras.

FRANCISCO JOAQUIM BIRRER.
(*O Cysne do Vouga.*)

---

## CAMÕES E PORTUGAL

I

Ha trez seculos que a fronte aureolada do illustre cantor das nossas glorias pendia para o sepulchro: ha trez seculos que a mão cavalleirosa, que, nos plainos africanos, empunhára a espada que foi terror dos mouros, se crispava nas convulsões da agonia extrema: ha trez seculos, em fim, que o gigante espirito do mais excelso poeta nacional se despia do mesquinho involucro terreno, para voar aos deslumbrantes páramos da eternidade.

Morrera o poeta, é verdade; mas o seu egregio nome, vinculado ao sublime poema que nos legou, passára á posteridade, esculpira-se a traços indeleveis na mente dos povos, e, ao invéz do que succede com essa primorosa estatua de Appollo, que o estrangeiro ainda hoje admira na sumptuosa galeria de Belvedere, no Vaticano, cujo esculptor se ignora; todo o mundo sabe que o creador da mais famosa epopeia do seculo XVI se chamou—Luiz de Camões.

Não cabe nos estreitos limites do estalão o egregio vulto dos heroes. Esses espiritos predestinados para a gloria, alcandoram-se, —aguias altivas—a tão vertiginosas alturas, que, raro, os contemporaneos logram encaral-os sem o deslumbramento que produz a inveja.

D'ahi, a perseguição que lançou o Tasso n'um hospital de doidos, e que arrastou Camões ao exilio.

Só mais tarde o volver dos annos e o consecutivo perpassar das gerações levam ao Capitolio, nas azas da tradição, os semideuses da lyra.

Por isso, o sublime creador da epopeia nacional, o homem extraordinario o maior poema do seculo, esse livro que ha de sobreviver aos primores sabidos dos cinzeis de Praxiteles e de Phidias, ás telas de Raphael e de Rubens, e aos prodigios de Buonarotti e de Peruzzi; essa creatura sobre humana, que, vibrando a lyra de Homero, foi perseguido como o amante de Leonor de Ferrara, e que, empunhando as armas de Thyrteo, esmolou o pão de Belizario: teve,—pungente ironia!—como galardão dos serviços feitos á patria, a enxerga d'um hospital!

Oh! mal dirias tu, quando, com a profunda intuição do genio, vertias lagrimas de sangue ao prophetisáres o baquear da nação apoz a punhalada de Alcacer-Kibir, que teus ingratos concidadãos te haviam,—moderno Prometheo,—de acorrentar ao Caucaso da desventura!

Quando a dubia luz do crepusculo se coa atravez dos esguios portaes da abbadia de Westminster e da *collegiada* de Stratford, vae illuminar escassamente dois bellos monumentos erigidos em honra de Shakspeare. O primeiro, levantou-o o governo em homenagem ao mais predilecto poeta do paiz; o segundo, ergueram-n'o os seus proprios conterraneos para n'elle enthesourarem as suas preciosas cinzas.

Portugal, porém, que teve a generosidade de conceder a Camões, em vida, o pão esmolado pelo pobre Jáo, lourava-o, na morte, com um mizeravel lençol, por mortalha, e a campa rasa do templo de Sant'Anna, por ma isôlêa!

Este indescutivel desprezo inspirou a um nosso illustre compatriota a acerbada ironia d'esta interrogação:

«Onde jaz, portuguezes, o moimento,
«Que do immortal cantor as cinzas guarda?»

Tão flagrante injustiça mereceu a um distincto poeta estrangeiro os dois versos cheios de amarga verdade:

«Il opore negro, un barbaro, un salvage,
«Tuvo mas caridad que un pueblo blanco.»

II

Estava contrahida uma divida, que tinha tanto de grande, como de sagrada.

Portugal, immortalisado pelos *Lusiadas*, devia uma reparação condigna ás cinzas do poeta, que tão mal galardoára em vida.

Duzentos quarenta e cinco annos depois do passamento do nosso epico, erguia-lhe o genio immortal de Garrett um perdoravel monumento no seu formoso poema *Camões*.

Mas esta brilhante homenagem á memoria do desventurado amante de Catharina d'Athayde nascera da iniciativa individual, e se honrava sobremanei[illegible] aquella de quem partira, mais a claro punha a ingratidão da patria.

Finalmente, no dia 9 d'outubro de 1867, despertava Lisboa em jubilos, para assistir á augusta solemnidade da inauguração de uma estátua erigida ao Orpheo nacional; e essa esplendida manifestação do genio de Victor Bastos, modelada em bronze, erguendo-se sobranceira n'uma das praças da capital, era como que o testemunho mudo mas solemne do muito que a patria ainda 

Gama; um cabenio ex-frade graciano, auctor do *Oriente*, como auctor dos *burros*, que tambem era, foi o unico dos portuguezes d'algum talento que se empinou ás upas querendo acompanhar terra a terra, n'uma carreira intercalada de coices, a aguia, que se libra nas alturas; banhada por uma luz tão vivida, que deslumbra quem se demora a fital-a.

Aveiro.

MELLO FREITAS.

## NATHERCIA

Um dos episodios mais sympathicos da existencia tumultuosa de Camões, são os seus amores. O primeiro escriptor que d'elles dá noticia, é Pedro de Mariz no prologo que precede a edição dos *Luziadas* de 1613.

No soneto LXX revela o poeta o nome da mulher que ama:

Quando Liso pastor n'um campo verde
*Nathercia* crua nympha só buscava,
Com mil suspiros tristes que derrama.

Catharina era pois o nome da dama, acobertado no anagramma poetico. Guiados por elle, alguns escriptores curaram de descobrir a sua individualidade. O licenciado João Pinto Ribeiro,—o pensamento, a energia e a alma da restauração de Portugal de 1640,—bazeando-se n'uma vaga tradicção, de que Camões amára uma sua parenta, julgou ver em D. Catharina d'Almada a saudosa Nathercia. O sabio magistrado foi bem mais feliz com a conspiração que nos deu a liberdade, do que com a descoberta de quem havia sido a amante do immortal cantor das nossas glorias. Manuel de Faria e Souza refutou-o, e em parte com fundamentada razão.

O mesmo Faria e Souza encontrou entre os ineditos do poeta uma poesia acrostica, em que o seu nome apparece associado com o da amante.

MOTE

Lume d'esta vida
Veja-me esse lume
Lá que se presume
Bem a ver perdida.

VOLTA

Concedei luz tal
A quem vós cegaste;
Toda me tiraste
Essa só me vale
Razão é querida
Lá vir do alto cume
Morte de tal lume
Alma tão perdida.

Desatando hide
Esta treva escura
Aurora onde pura
Toda a luz reside:
Ay que atada a vida
Lá com esse lume
Deixa ao seu queixume
Estima-se perdida.

Depois d'este precioso achado não póde restar duvida, que Nathercia era uma certa D. Catharina d'Athaide. D'uma outra poesia descoberta tambem pelo mesmo escriptor, que é a Ecloga de Luiz de Camões á morte de D. Catharina d'Athaide, dama da rainha, se deprehende que aquella senhora, fosse ella qual fosse, era dama do Paço, o que concorda plenamente com a opinião emittida por Pedro Mariz, e Manuel Severim de Faria.

No tempo em que Camões frequentava a côrte, duas damas do mesmo nome e appellido serviam no Paço, na qualidade de damas da rainha D. Catharina. Eram estas D. Catharina d'Athaide, filha de D. Antonio de Lima, e de D. Maria Bócca Negra, e D. Catharina d'Athaide, filha de Alvaro de Sousa e de D. Filippa d'Athaide. Cumpre pois determinar qual foi a que Camões amou. Faria e Sousa diz haver sido a filha de D. Antonio de Lima; comtudo os seus argumentos não passam de meras provabilidades. Não ha nada de positivo que os garanta. Para prova, basta saber-se que elle dá como causa da partida de Camões para a India, a morte de D. Catharina, que fixa em 1547, quando é certo que esta senhora falleceu em 1556.

N'um *Nobiliario manuscripto* do seculo XVI, attribuido a D. Antonio de Lima, diz-se que a primeira d'aquellas senhoras morreu no Paço, moça. D'esta circumstancia, e da epoca do seu fallecimento, inferem alguns ser ella a verdadeira Nathercia. O sr. Theophilo Braga, seguindo a mesma opinião, bazeia-se principalmente no facto de Pero Andrade Caminha fazer o seu elogio d'ella, sendo elle inimigo ligadal de Camões, no epitaphio XXII, que traz a rubrica—*A' senhora D. Catharina d'Athaide, filha de D. Antonio de Lima, dama da rainha.*

Parece-nos que n'esta poesia não ha uma unica phrase que possa tomar-se como epigramma para o poeta, como pretende o erudito professor. Na nossa humilde opinião, Caminha, que passou o mais do tempo a cantar aquelles a quem servia, não teve em vista outro fim que não fosse o de lisongear o pae de D. Catharina, fidalgo como elle, da casa do infante D. Duarte, filho d'el-rei D. Manuel.

Não sendo Nathercia, como parece que não foi, a filha de D. Antonio de Lima, seria-o n'esse caso a de Alvaro de Sousa? E o que vamos tentar demonstrar.

Até hoje todos, ou quazi todos os escriptores que se tem occupado de Camões, regeitam a opinião que fosse esta senhora a sua amante. Em Aveiro, porém, cidade que se presa de haver sido a sua patria, e que se honra de guardar as suas cinzas, é tradicção antiga, confirmada pelas memorias manuscriptas de frei João do Rozario, datadas de 1573, que foi ella com effeito a decantada Nathercia.

Pela extincção do convento de S. Domingos d'esta cidade, foram recolhidos no Paço episcopal os livros que haviam formado a opulenta livraria d'aquella casa religiosa. Por essa occazião o sr. dr. Bento de Magalhães, um dos mais bellos talentos da nossa terra, investigador incançavel de todas as suas velharias, conseguiu encontrar entre aquelles livros o manuscripto a que me referi, e de que elle de certo houve noticia por uma nota escripta á margem n'um exemplar da segunda parte da historia de S. Domingos, de frei Luiz de Sousa, edição de 1662, que havia pertencido a seu tio frei Balthazar de Magalhães.

Entre outras noticias inherentes a pessoas do seu tempo, e ao mosteiro de que era conventual, frei João do Rosario procura deffender D. Catharina d'Athaide, de quem foi confessor, de haver sido ella a cauza do desterro de Camões, dizendo: «E todas las vezes que no poeta desterrado por sua razão lhe falava, sempre em reposta haria que assim não era, e que fôra aquella alma grande, que para emprezas grandes, e regiões tão apartadas o levara.»

Até 1851, ninguem poz em duvida que a filha de Alvaro de Sousa fosse a namorada de Camões. A primeira pessoa que sustentou o contrario foi o sr. dr. Thomaz de Carvalho, actualmente presidente da Escola Medica de Lisboa, que n'aquelle anno, visitando Aveiro, examinou o tumulo de D. Catharina d'Athaide, bem como os restos mortaes que n'elle se guardam. Ignoramos as razões que s. ex.ª teve para assim proceder, por isso nos abstemos de lhe fazer qualquer reflecção.

Os srs. visconde de Juromenha e Theofilo Braga, sustentam tambem a mesma opinião de s. ex.ª, baseando-se principalmente no epitaphio de Andrade Caminha e no *Nobiliario manuscripto* de D. Antonio de Lima, a que já nos referimos. Como tivemos occasião de dizer isto, não nos parece ser prova bastante para sustentar que a Nathercia não é a senhora que reponsa em Aveiro. Camões na ecloga 15.ª dá-nos a conhecer a pouca idade da namorada:

«Como não te applacou tão tenra edade
Ao cortar de seu fio, oh! Parca dura,
Que agora o mundo matas de saudade!»

Pódem applicar-se perfeitamente estes versos á edade de D. Catharina, pois é certo que quando falleceu não devia contar mais de 25 annos, attendendo a que era o setimo filho de Alvaro de Sousa e que este havia casado em 1516. O facto d'ella haver desposado Ruy Borges Pereira de Miranda, senhor de Carvalhaes, Ribeiro e Verdemilho não destroe a opinião de que fosse ella a Nathercia, pois é certo que Camões em mais do que uma das suas poesias se queixa amargamente de ella o haver desprezado, muito principalmente n'este soneto:

«Já não sinto, senhora, os desenganos
Com que minha affeição sempre trataste,
Nem ver o galardão, que me negaste
Merecido por fé ha tantos annos.

A mágoa choro só, só choro os damnos
De ver por quem, senhora, me trocaste!
Mas em tal caso vós só me vingaste
De vossa ingratidão, vossos enganos.

Dobrada gloria dá qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa.

Mas eu de vossos males a esperança
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quizera tanto á vossa custa.

«Similhante soneto, escreve o sr. Camillo Castello Branco, dirigido á outra D. Catharina de Athaide, dama do paço que morreu solteira, não tem explicação. Claro é que Luiz de Camões allude á mulher que o vinga padecendo as mágoas resultantes de uma alliança em que elle foi ingratamente sacrificado. A' outra dama que morreu, estando para casar, segundo a versão colhida pelos primeiros biographos, não diria Camões:

..... a vingança
Não a quizera tanto á nossa custa.

Como se vingaria ella, desconhecendo as tristezas de casada que não chegou a ser? Era mister que se désse mudança de vida irremediavelmente afflictiva e remordida de arrependimento, para que o poeta se ufanasse de vingado,—e tanto que implicitamente lhe perdôa!»

Como disse, Aveiro foi o berço e tumulo de D. Catharina de Athaide. D. Jorge de Lencastre deu a Alvaro de Sousa a alcaidaria-mór d'Aveiro. Esta mercê levantou grande celeuma entre os habitantes d'esta cidade, então villa. Fundados n'esse antigo privilegio que o infante D. Pedro lhes havia concedido para que nenhum nobre ou pessoa poderosa se demorasse aqui mais de 4 dias, sem o seu beneplacito d'elles, oppozeram-se a que Alvaro de Sousa tomasse posse da alcaidaria. D. João III interveio na contenda, do que resultou os aveirenses cederem do seu privilegio e a joelle fidalgo da mercê que lhe havia feito o Mestre de S. Thiago.

Mandada passar por o mesmo monarcha carta de composição em 22 de setembro de 1522, Alvaro de Sousa veio viver para Aveiro onde ainda hoje se conserva a casa em que habitou, que é actualmente do sr. Manuel Ferreira Correia de Sousa.

Foi depois da sua estada aqui que nasceu D. Catharina d'Athaide. Na egreja do extincto convento de S. Domingos, do lado do Evangelho, junto do presbyterio, está um mausoleo, com as armas da casa de Souza, onde se lê o seguinte epitaphio:

Aqui jaz Dona Catarina, de Taide, filha, Dalvaro de Sousa e de Dona Filipa, Dathaide, netta de Diogo Lopez, de Sousa, e por ser devota desta casa lhe deixou, vite, mil rês, de livro, tem por isso, misa, cotidiana, i, lhe derão, a capa e a, ella, e, a, seu, pae, e, mai, e ceiras, descendentes faleceo, a, 28, de Setembro, de, 1551, anos.

(e a capela lhe está em que jaz.)

Este mausoleu foi mandado construir por André de Souza, prior de Requeixo, e irmão de D. Catharina, em 1559.

Aveiro.

MARQUES GOMES.

---

Assenhoreia-me do intimo do coração ao pensamento o eminentemente patriotico de prestar-mos a immortal memoria do infeliz cantor das glorias patrias, a mais que merecida homenagem de reconhecimento, admiração e respeito, que Portugal lhe deve e que as demais nações cultas comnosco lhe tributam: fazo ardentes votos para que estas pomposas solemnidades não sejam apenas uma esteril ostentação de nobilissimo orgulho nacional, uma passageira affirmação de vitalidade, mas sim e principalmente um fecundo, poderoso e efficaz incitamento ao mais brioso desempenho dos honrosos deveres, que imperiosamente nos impõem a acceitação da herança de nossos maiores, d'esses vultos homericos, que constituiram a nossa nacionalidade, que firmaram a nossa independencia, e que, abrindo e ensinando á Europa o caminho de novos mundos, em todos, até á mais longinquas paragens da terra, cravaram o defenderam, com prodigios de valor, de abnegação e de todas as virtudes civicas, o pendão glorioso das quinas, sempre respeitado e temido, e sempre victorioso.

O cumprimento de taes deveres será a homenagem mais digna de nós, e por ventura a mais acceita do nosso grande épico, se é que as nossas homenagens pódem ser-lhe presentes lá

«No templo da Suprema eternidade.»

Aveiro.

JOSÉ FERREIRA DA CUNHA E SOUZA.

## NA HORA DA PARTIDA

(FRAGMENTOS)

*«Já a vista á pouco e pouco se desterra*
*D'aquelles patrios montes, que ficavam;*
*«Ficava o claro Tejo e a frusca serra*
*«De Cintra e n'ella os olhos se alongavam.*
*«Ficava-nos tambem na terra amada*
*«A cuidação, que as mágoas lá deixavam;*
*«E já depois que todo se escondeo,*
*«Não vimos mais em fim que mar, e céo.»*

LUS. CANT. V—III.

I

Vae serena a manhã, silencioso o Tejo.

. . . . . .

Quinda brandamente a multidão na praia,
como vergam no valle as rozas de cambraia.
Balançam-se os galeões, saudando a madrugada.
A marinha de pé em frente da amurada
contempla o mar profundo e o vasto céu azul,
franjado de setim, bordado a seda e tulle!
O contorno gentil dos magicos ondinas
reve-se no crystal das vagas pequeninas.
E as naves, que vão partir, doidas como as creanças,
brincam por sobre o dorso azul das ondas mansas,
descaindo-lhes, subtis, sem verem que talvez
vão arrastar comsigo um peito portuguez
ás tristes regiões, ao longo palmar
das paragens do Oriente, ás terras d'alem-mar.
Cançam-se o ceo alli. Querem vogar lá fóra,
ser mar largo na prôa e ver surgir a aurora
hoje no céu d'Ormuz, depois n'um céu indiano.
Querem correr sem fim, sumirem-se no Oceano,
onde a vida se pasta a sós com Deus e o mar,
onde os raios da aurora atira o pelo ar
flocos de nívea côr, montanhas palpitantes,
onde as garras da morte e os braços dos gigantes
fazem do homem fraco um marinheiro andaz.

. . . . . .

II

Junto dos portalós á bordo da *S. Bento*,
emquanto a gente vae soltando a vela ao vento,
que desfralda no ar o pavilhão real,
vae deixar o seu Tejo e o céu de Portugal
um peito portuguez, ébrio d'amor e gloria.
E' um vulto gentil, a quem um dia a historia
divinisa talvez em santa adoração.
Ha de passar por elle a nova geração,
levantar ao gigante um monumento eterno.
E as vivas allicções, aquelle fundo inferno,
que a saudade da patria abriu no peito seu,
hão de ser-lhe depois santa, p'ra entrar no céu
onde os heroes descançam.

III

A bordo da *S. Bento* a marujada canta,
da corrente ao roçar, que as ancoras levanta,
marítimas canções.
E emquanto a náu cortando as aguas mansas vae
nem um lamento só, nem um sentido ai
solta d'alma Camões.

. . . . . .

VIII

Sopra fagueira a aragem:
as vélas desferradas
vergam as amuradas
ferindo o seio ao Tejo.
Cresce na praia a vida.
A viração vae mansa.
— E' não perder a esp'rança
é não perder o ensejo. —

Desprende das antenas
esse velame á brisa.
Do Tejo a face lisa
não rasga a náu a andar.
Ao largo! E' tempo! Ao largo!
que a vossa náu gentil
vae sob um céu d'anil
ás terras d'alem-mar.

O sol de lá occulta
o rosto nas palmeiras,
e as collossaes roseiras
enchem d'aroma o ar.
Larga de terra! Larga
que a aragem vae tão leda
que até ás veses quéda
só pr'a vos ver andar.

Nas terras indianas,
n'esse paiz tão lindo,
verga-se o tamarindo
aos beijos do luar.
Soltae das vergas altas
as vélas d'alva côr;
deixae na praia amôr
saudoso a suspirar.

Almas de bronze, ao largo!
E tu, ó náu, caminha!
Volves como a andorinha
depois ao berço, ao lar.
Em quanto o Tejo beija
o teu costado escuro,
na historia o deus Futuro
teu nome vae gravar.

Vento na branca véla
que fere o ceo azul...
branda monsão do sul...
não ha melhor andar.
E' dar-lhe carga ao leme!
Largando escota ao vento
vae como um pensamento.
Rasgando o dorso ao mar.

Larga a mezena á pôpa.
Larga o velame á brisa,
que sobre a verga lisa
vae já um rancho d'aves.
Abranda oveus á prôa,
que o mastro dá-se mais
aos beijos matinaes
das virações suaves.

XV

E emquanto as náus ferindo o Tejo vão serenas,
e o vento leva as náus, vergando-lhe as antenas,
bamboando-lhe a bórda e chapinhando a alheta,
a *S. Bento* cortava a tumida mareta,
partindo o dorso azul dos languidos cachões.

. . . . . .

A bombordo, n'amura, o vulto de Camões,
sepultado na treva, a que se não vê terno,
chorava a sós comsigo a solidão e o ermo,
d'aquella *«alma gentil, que se partia»* assim,
entre as vascas da morte e a dôr que não tem fim.
E a brande viração corria alegremente
desenidada, infantil, por sobre o vulto ingente!

. . . . . .

Camões deixava então *«a patria sua amada»*
enfeixando em trophéu a brônzea pomada espada,
e as alfaias d'essa alma enorme e vigorosa,
gigante do passado, atlantica, assombrosa,
que alevantou no mundo a estatua universal
das glorias do paiz, do heroico Portugal.

FERNANDO DE VILHENA.

## PORTUGAL A CAMÕES

Na grande epopeia das nações estamos escrevendo a estas horas uma das suas estancias mais sublimes.

Portugal celebra hoje, da maneira mais expontaneamente grandiosa, o terceiro centenario de Camões.

Nenhuma vivente as gerações consagração mais augusta da grandeza d'um homem, nem affirmação mais potente da grandeza d'um povo.

Fundem-se n'um só corpo todos os elementos sociaes d'uma nação, para erguer nos seus lambros a propria adoração e á contemplação universal um de seus filhos.

Egregio filho esse, que tanto merece á sua patria! egregia patria esta, que assim divinisa os seus heroes!

Se é grande o genio, não é somenos a sua glorificação.

Se Camões excedeu, em portentosa desproporção, a estatura comuma da humanidade, cultivando a maior das epopeias: a todas as demais nações do mundo se sobreleva hoje Portugal, celebrando a maior das commemorações.

Camões não teve só inspiradas todas as glorias de patria, e foi, pelo poder do seu genio, pendurado n'uma das columnas do templo consagrado á immortalidade das nações. A patria circundou a fronte de Camões com os raios de todas as glorias suas, e vae, pela pujança de sua vitalidade, pol-o no alter do templo consagrado á immortalidade dos heroes.

Vós bem! Neste solemne momento, é justo que nem affrontemos a dignidade da patria com maledicencia ruim, nem estaqueemos a gloria do heroe com mistificações pueris.

A corporatura gigante de Camões não carece de refulgencias theatraes para merecer a consagração historica e se impor á idolatria das nações.

Fantazia o a tradição legendaria, encendida e irisada pelos fulgores do romantismo, como martyr sublime d'um amor ideal, eterno e fanatico d'alma, que é toda a sua inspiração, e a cuja luta lhe fazem desventuras amargas e [illegible] gerações.

Dão-lhe o valor [illegible] das crenças ideaes, interpretam-lhe as [illegible] se de si mesmo as contara, desenquadram nobiliarchias e papeis velhos, [illegible] pelas ruinas dos claustros, remedeiam fidalgusinhas cinzas, para virem depois desvanecidos, novissimos, Archimedes de bagatellas, brandir ás multidões, de cavalira em punho:—Eis a Nathercia de Camões!

Mas que vale para o renome do grande épico que nas estouvamentos d'uma mocidade aventurosa e cavalheiresca, consagrasse tres notas da sonorosa lyra a uma dama de sua senhoria a rainha?

Que influxo poderia ter na vida de Camões essa mulher, mais do que qualquer das outras mil por quem lhe borbolgeou o coração de trovador andante e namorado?

Encabeçam-lhe todas as façanhas bellicas do seu tempo, e todas as aventuras de errante cavalaria. Desencadeam-lhe sobre a fronte todas as tempestades de malquerenças e de invejas. Atormentam-lhe o coração com os espinhos de todos os infortunios. Desenhiam-lo ante os maiores horrores de penuria e de desconforto.

Vem hoje a severa critica indactiva desfazer toda essa poetica nebulosa, em que a phantasia popular e romanesca envolve sempre os astros de primeira grandeza, que refulgem pelas historicas amplidões.

Mas que tem isso?

Nem mesmo despido das mythologicas vestes o vulto de Camões deixará nunca de ser para as lettras um genio, para a patria uma gloria, e para a humanidade um assombro.

O retrato grandioso de Camões dispensa moldes de phantasia e fundos de arte, e nem lhe dizem bem.

Não lhe inventemos duvidosas glorias, porque uma só verdadeira lhe basta para o tornar immortal.

E essa teve-a elle nas suas obras, na grandiosa ideia que n'ellas traduziu, e na portentosa revolução que com ellas operou nas lettras patrias e na litteratura universal, na alma da nação e na civilisação da humanidade.

Distrucemos pois na sua vida o que é lendario, e o que, a ser verdadeiro, é um mero producto da sua indole vulgar e da sua epocha, do que ha n'ella de grande, e de tão grande, que acima de si mesmo o levanta, e o destaca ainda hoje, a uma distancia de tres seculos, de tudo e de todos que o cercaram.

Se nas pelejas de Ceuta uma bombarda lhe levou um olho, a quantos lhes não ficou por lá a propria vida?

Se alguma estouvanice de rapaz o desterrou da côrte, a quantos a defensão d'uma nobre ideia, mal avinda com as graças palacianas, não enterrou em masmorras ou pendurou em forcas?

Os proprios trapos da miseria, em que a lenda se compraz em latanguil-o, em quantos não seriam mais bojosos e de mais bem cabida commiseração?

Nem foi tão heroico soldado, que nos campos de batalha conquistasse immorredoura fama de heroe: nem foi tão desprovido de recursos, que não houvesse que despender em demasias de estroina; nem foi tão crucíado de infortunios, que a si mesmo se não cantasse alegre e descuidado; nem teve tão somitica tença, que a não tivessem de igual monta os seus mais altos coevos; nem morreu tão indigente e abandonado, que não tivesse ainda o regaço materno por conforto, e os frados dominicanos por amigos e bemfeitores.

Não lhe bosquemos pois façanhas bellicozas: verdadeiras façanhas gloriosissimas são os seus poemas immortaes.

Não lhe choremos tambem as amarguras: que, afora as fugidas e as triviaes, não tantas restarão que nos dôam.

Deixemos mesmo todas essas minudencias de sua vida vulgar envoltas na penumbra que circunda na antiguidade os heroes.

Se os genios teem por patria o mundo, teem por biographia a historia da humanidade.

Estudemos pois Camões nos fastos do mundo, onde elle compendia uma litteratura, consubstancia um povo, e representa uma civilisação.

Levantemol-o nos sagrados escudos nacionaes, porque n'elle se incarna a nacionalidade portugueza, porque n'elle se resume a vida, a essencia, a historia e o futuro de Portugal.

Se grandes nos fisemos pelos feitos, immortaes nos tornou elle pelos cantos.

Por isso a terra que lhe foi berço lhe serve hoje de altar, e a patria que lhe foi inspiração o idolatra hoje como um deus.

Que mais grandioso pedestal se póde dar á sua estatua?

Não se rebaixe patria que é tão grande: não se calumnie povo que é tão nobre. E menos hoje, em que nobre e grande como nunca se patenteam.

Camões legou á patria a gloria.

Não é porem maior a herança que o moimento: não é menor a sagração do que o heroe.

Se ao mundo faz espanto o Homero portuguez, ha de tambem causar espanto ao mundo a maneira como Portugal o commemora.

BARBOZA DE MAGALHÃES.

---

## EPISTOLA

AO REVEREDNO SENHOR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Tu nihil in magno doctus reprehendis Homero?

HORAT. LIB. I. SAT. 10—v. 52.

José, auctor de versos bem rimados (1)
Na lusitana incude assás batidos,
E com lima subtil alguns limados:
Que louvores, José, te são devidos
Pelo longo romance que fizeste
Em doze cantos orientaes seguidos?
Como affoito de Homero a par correste?
Que pincho sobre o épico latino?!
Que tombo ao torto portuguez não déste?!
Eu não sei como ergueste o épico sino;
Mais que sete da alfandega tens força
Pois que levaste o grão badalo a pino:
E não se hade encontrar, não, quem te tórça?
Ora eu sempre vou dar-te uma carreira,
Bem que tu pulo dás maior que córça.
Olha; se eu te galgar pela dianteira,
Eu te farei parar, pois que insensato
Corres tanto pela ingreme ladeira.
Como aqui te pilhei, eu vou-te ao fato.
Tu, José, queres ser cysne beocio?...
Tu, que em tanques communs, grasnando és pato?
Para boa te deu, José, teu ocio:
Quanto te era melhor compor em prosa
Coisinhas de fazer algum negocio!
Tu embocas a tuba magestosa?!...
Nem gaita de pastor tocar tu pódes
Pela falda de Pindo pedregosa.
Para poeta tu não tens bigodes.
Se azas não te quiz dar a mãe natura, (2)
Porque de cera as icaras sacodes?...
Temerario subiste á mesma altura
Do censurado torto; mas baquéas
De trambolhão na mesma audaz censura:
Tu pódes censurar mil epopeas;
Mas fazer uma, não. O teu ORIENTE,
Vôa pesado e oppresso de cadeias: (3)
Camões, aguia immortal, quando ergue a frente
Embóca a tuba d'oiro, e as azas bate,
Vae no disco poisar do sol ardente.
Nasceu vate, foi vate e ha-de ser vate
Em quanto viva luz der Phebo ao mundo,
Sem seu nome morder o cão que late.
Se a muitos imitou, tambem fecundo
A muitos excedeu no dom divino
D'um estro que talvez não tem segundo.
Se elle ao grego cantor, cantor latino,
Muitas vezes seguiu com seu compasso
Mediu as dimensões com gosto e tino.
E tu, José... Mas vamos passo a passo.
Quem seguiste no teu poema chamado?
Ah! meu padre, que assim me caes no laço!
Não foi pelo caminho, já trilhado (4)
Do censurado vate, que levaste
Segunda vez o Gama decantado?
Dize, pódes negar que não furtaste
Muito panno a Camões com que vestiste
O façanhoso Oriente, que geraste?
Mas ah! quão fracamente tu cerziste
Os furtados remendos! As costuras
Da remendada capa descobriste.
Tu censurando as immortaes pinturas,
Divinas copias de um pintor famoso,
Foste depois fazer mil borraduras.
Seja a primeira uma sonho venturoso
Do rei, amado heroe, que Azia enfeitada
Viu a seus pés depoude sceptro honroso:
Ora dize, meu padre, esta deslada,
Ou borradella, que em teu quadro déstes
Ao nosso grão cantor não foi furtada?...
Dos verandos rios a colheste? (5)
Tu as guardas viraste á fechadura,
Pois fazel-a de novo não podeste.
Seja a segunda a celebre pintura (6)
Do bom velho de aspeito venerando,
Que a tua penna roubou a quem censura
Mas vê com que energia, meneando
Por tres vezes a fronte encanecida,
Melhor que o velho teu foi declamando.
E aquella pincelada da fugida
Que o levita prophetico lançára
Julgando não seria presentida?
E pensavas, José, que me escapara
Tapar co'as mãos o ouvido o meiro immundo, (7)
Que a Camões, canto dois, o teu bifara?
E o cabo austral, medonho e furibundo, (8)
Transformado na feia idolatria,
Que fizeste surgir do pego fundo?
Este furto, José não se faria
Ao gigantão dos dentes amarellos?
Eu não sei com que cara andas de dia.
No teu quadro, ás dando uns traços bellos:
Mas como foste sempre um mão padeiro,
Amaçaste a farinha co'os farellos.
Gallo que canta tanto em seu poleiro,
Faz tentar a raposa, quando passa,
De assaltada lhe dar no gallinheiro.
Mandam as musas que eu justiça faça.
O engano de Satan na ilha encantada
Não é o mesmo engano de Mombaça? (9)
N'aquella do anjo mau acção manhada
O justo Henrique mostra ao fuso Gama: (10)
N'esta Mercurio aponta-lhe a cilada.
E o fogo que na aldêa accende a chamma.
Não é o mesmo fogo que tu viste (11)
Ateado em Camões na secca ramma?
Ora repara bem como cahiste
Tambem, padre José, censor ufano,
Na mesma cova que em Melindo abriste.
Ao velho rei insonne melindano (12)
Como Camões a historia não contaste
Da fundação do reino lusitano?
Porem quão seccamente lhe narraste
Dos nossos luzos reis a heroica historia!
Como com ella ao somno o convidaste...
O caso triste e digno de memoria (13)
Passaste, como gato passa as brasas,
E outros, que aos reis dão fama, e ao torto gloria.
Mas os patos só dão voadelas razas;
As altas são d'essa ave, que alevanta
Sobre o disco do sol as pandas azas.
Camões dos luzos reis a historia canta
E tu dos luzos reis a historia contas:
Teu Gama narra só, e o outro espanta.
E as formigas, que tu, bontinho, apontas (14)
Entre as comparações tambem roubadas?...
E de fazer o mesmo não te afrontas?!
Olha que tão famosas pinceladas
Vaes dando em teu painel! que finas tintas
Por tua mão grosseira esperdiçadas!
Para que tu, José, me não desmintas,
E' que te vou fazendo apontamentos
Dos furtos de Camões, com que tu pintas.
O teu Gama luctou co'os mesmos ventos:
Do Gama de Camões não é differente,
Senão em ser mais pobre de ornamentos.
E foi isto compor originalmente? (15)
Não havendo Lusiadas, de certo,
Não vinha á luz o rél grande *Oriente*.
E foi isto fechar livros esperto (16)
Para compor, sem ver, o teu poema?
Ora sempre a Camões deixaste aberto.
De teu longo sermão foi este o thema;
E para nelle teres venda boa
A censura, meu padre, foi systema.
Fugiste dos parceis: deste co'a prôa (17)
Nos escolhos, que o torto embicar fóra;
Não sei como surgiste á plaga boa.
Mas paremos aqui: vamos agora
Tisourar no romance um bocadinho;
Tem paciencia, José, já que és tizoura.
Isto acontece áquelle que é daninho;
Pois que, tendo de vidro o seu telhado,
Vae atirar co'a pedra ao do visinho:
Primeiramente o titulo foi dado
Contra a melhor opinião corrente, (18)
Por ser da acção e não do heroe tirado.
Faltou depois no façanhoso Oriente
A invocação tambem, regra prescripta (19)
N'alta epopeia ao vate intelligente.
Qual é a musa tua que te inspira
Ao épico furor? Mas um romance
Do auxilio divinal não necessita.
E quares que o leitor não durma, e cance
Co'a narração monotona que fazes:
Sem encontrar um poeco onde descance?
Os episodios todos que tu trazes,
São á força de malho ali metidos:
Do alegrar o leitor não são capazes.
São ferreos, seccos são, nunca fridos;
São filhos do genio, são bastardos;
Vem para alli os pobres constrangidos.
Os marinheiros teus, os teus soldados
Nunca tem um deleite em usar bonança
Co'a narração de feitos sublimados.
Enfastia, aborrece, amarga e cança
Longa viagem no triste navegante (20)
Se a algum prazer no mar a mão não lança.
Que aventuras o teu Quixote andante,
E os seus Sanchos encontram nas florestas,
E nos cerros de assombro nigromante?
Logo ao primeiro desembarque entestas
Ao teu heroe co'a collossal figura, (21)
Que tu alto cerro aos nautas manifestas.
Quem poria esta estatua em tanta altura
Para o Tejo apontando? e quem na base
Gravaria a prophetica escriptura?
Mago vate inventou, magia faze,
Negrumancias fatidicas tão bellas
Para o teu grão romance arrasta e traze...
E o portentoso trulno das donzellas
Pretas que tam ao fogo a ser lançadas (22)
Co'a carapinha ornada de capellas?
Se não fossem ás lucidas espadas
Dos lusos em favor da natureza,
Não livrava Velloso as desgraçadas.
Nem se a Viuva Malabar franceza
Te não lembrasse esta aventura andante
Não tinha o teu Quixote esta alta empreza.
E a outra tal da negra *Unhambu* amante
A quem os dois pretinhos se votaram (23)
Por negro fado e negro amor constante?
Por voluntaria sucia se mataram
Todos os tres amantes negregados.
Que terho raro os nautas dois toparam!
Todos os teus pinceis são cusopados;
Meu padre, em negra tinta: em lindas côres
Nunca uma vez sequer serão molhados?...
Lá vae Velloso e os seus exploradores
O templo descobrir no canto quinto
Dos mausoleus dos reis, e seus horrores.
Este dos mortos funeral recinto
E o seu benzo anrião foi furtadella
Que tu fizeste a Fernão Mendes Pinto (24)
A pincelada de Lindâra bella
Que no grão mausoleu inchado déste (25)
Foi tua, que eu conheço a borradella.
Sempre é bem corneo! E coração tiveste
Em fazer com que o rei matasse a amante?...
Dar-lhe outra volta, padre, não podéste?
Não vês que da natura está distante
Sem choque de paixão tão prompto lance?
Ceder de a pôr no throno era bastante,
Porém importa pouco que eu me cance
Em te ir-pizar termura: é vã empreza;
Direitos tal, tornemos ao romance:
Em tão comprida historia uma belleza
Não se encontra sequer, nem que digamos:
— Benza-te Deus, José, que tens viveza! —

Ora um pouquito ver agora vamos
Todo o historico fio: eu não diviso (26)
Cousa nova; debalde a procuramos.
Tu tens erudição, tu tens juizo; (27)
Não t'o nego, José, mas não tens gosto;
E's monotono sempre em teu repiso;
Não tens outro bordão nem outro encosto:
Os vindouros successos do Oriente
Mudam de personage, e não de rosto. (28)
Sonha lá D. Manuel: Asia potente (29)
Lhe aponta logo ali gloria futura,
E o mesmo faz tambem o anjo esplendente (30)
Em dois sonhos depois Henrique augura
As ditas orientaes e lhe repisa (31)
Na India ao Gama teu luza ventura.
O mesmo em sonho o Samorim divisa (32)
Em sonhos Alexandre ao Gama falla (33)
E S. Thomé o mesmo prophetisa (34)
No principio em Belem, já se não cala
O levita ancião; iguaes proesas (35)
Aos nautas vaticina em voz que estala.
No pedestal da estatua, as portuguezas
Acções orientaes se vaticinam (26)
Em velhas letras garrafaes chinezas.
Em fim por toda a parte se amotinam
As prophéticas ditas lusitanas (37)
Com que tanto as cabeças se amotinam.
Enfastiam quem lê tantas indianas,
Repisadas acções mil vezes ditas
Por boccas divinaes, boccas profanas.
E és tu, ó padre meu, esse que gritas
Tanto contra Camões, que degredal-o
Do Parnaso, onde mora, premeditas?
E' elle o historiador ou tu? abalo (38)
Te não dá de cahir n'esta incoherencia?
Qual dos dois narra mais? pois não me calo;
Eu já agora tomei por penitencia
De ler até ao fim o teu Oriente:
Hei de fallar verdade: tem paciencia.
A teu longo romance impertinente
A conta não farei qual tu fizeste (39)
Ao poema de Camões erradamente.
Tu por fazel-o historia, lhe abateste
O melhor que elle tem de alta poesia,
E mesmo assim mordel-o não podeste.
Eu sei contar, José; tambem podia
Muita coisa abater no teu, se historia
Elle não fosse já sem mais valia,
E a escriptura, que o Gama na memoria
Ao Samorim pagão mettier pretende? (40)
E' maré de chegar á palmatoria.

Este longo sermão não comprehende
Cento e meio de oitavas enfadonhas?
Chega a mão, meu José, leva e aprende.
E quantas tem os cantos, em que sonhas?
E as tuas narrações á quanto montam?
Defeitos, que tu tens, n'outro não ponhas. (41)
Noventa oitavas, padre meu, se contam
Na prophecia ultima do santo
Apostolo Thomé, que bem se apontam (42)
Duzentas e sessenta e cinco—tanto
Somam tuas prophecias estinctas: (43)
Testemunho, José, não te levanto.
Tentaste sonhos as mesmas concordancias,
O mesmo revolteando prophecias,
Cortas de mores a ordem nas distancias.
E és tu, ó padre meu, tu que avalias
O poema de Camões? tu que tropeças
Peor, muito peor nas mesmas vias?
E és tu que nos cóis os vós arremessas?
Cysne, que espaços não trilhados pisa? (44)
E' bem que agora em trambolhão os meças.
Da Calcutá ao porto finalisa (45)
Toda a época áurea de teu romance.
Voltar á patria o Gama não precisa.
Deste desabrimento o heroico lance
Não se sabe em Lisboa. Esta certeza
Ficou só, meu José, ao teu alcance.
O Tejo viu sahir com gentilesa
Por sua foz o Gama bellicoso
Mas tu agora jóias o fim da empresa. (46).
E assim julgas tu não ser forçoso
Ser o rei, que comprehendeu tão alto feito,
Saboear n'esta acção o fim ditoso?
Ora confessa pois que não tens geito,
Meu padre, [illegible] para poeta,
Bem que [illegible] a [illegible] morto.
Eu bem prova que se vivera a seita
Contra ti mesmo que atirate ao torto,
Quando [illegible] a meta.
[illegible] a fama [illegible] d'um morto,
Que [illegible]
Da [illegible] (47)

(1) Segundo Aristoteles são degredados da classe dos poetas os que não incitam. A este rancho pertence o critico Macedo.

(2) O padre Macedo nunca foi conhecido na Arcadia por poeta, mas sim por um bom forjador de versos. A naturesa não lhe conferiu aquelle dom divino de enthusiasmo ou furor poetico, que (segundo Platão) põe em extasis os verdadeiros poetas.

(3) Faltam no ORIENTE aquelles grandes arrebatamentos poeticos, aquella doçura poetica, que sabe mover os affectos, e fazer-se senhora dos animos de quem lê, como pondéra Horacio, *Ep. de Art. poet., v. 99.*

Non satis est pulchra esse poemata: dulcia sunto;
Et quocumque volent, animam auditoris, agunto:

O que tanto resplandece em Camões.

(4) Quem quizer ter a pachorra de combinar o Oriente com os Lusiadas, conhecerá como este critico allucinado imitou servilmente a Camões, seguindo as suas pisadas, e sujando com todosos pós o brilhante trilho do nosso poeta.

(5) Combine-se no canto 4.º dos Lusiadas a est. 71 com a est. 29 do canto 1.º do Oriente, e ver-se-ha se a Asia, que apparece em sonhos a el-rei D. Manuel, não é imit